



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**À PROCURA DE UMA IDENTIDADE... OU  
TRANSEXUALISMO E BISEXUALIDADE PSÍQUICA**

**SORAIA FILIPA PRATES BASSO**

**Orientador de Dissertação:**

PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:**

MESTRE EM Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

## **Agradecimentos**

À Professora Maria Emília Marques, por todo o apoio e orientação que me permitiram a conclusão do presente trabalho.

Ao meu noivo, Ismael, pelo apoio e compreensão incondicionais, que me faz recordar, todos os dias, porque estamos juntos.

À minha mãe, pelo esforço que despendeu para que pudesse concluir o curso.

Ao meu irmão que, mesmo não tendo muita paciência, não me deixou desesperar.

Às minhas amigas Vera, Joana, Rita, Sofia e Ana Sofia e aos meus amigos, Ricardo, João e João Pedro, pela paciência e por constituírem a minha verdadeira família.

## **Resumo**

A presente dissertação tem como objecto a análise, mediante a utilização do método Rorschach, da função mediadora da bissexualidade psíquica no sujeito transexual. Procura-se perceber de que modo a perturbação desta função influi na perturbação da constituição da identidade de género no caso de um transexual F-M. A análise do protocolo revelou as dificuldades de integração dos opostos feminino e masculino no sujeito transexual; dando conta de uma fraca capacidade mediadora da função bissexual. Verificou-se a presença da temática da incompletude, a ausência de simbolização, angústias de fragmentação e de aniquilação e fragilidade do envelope psíquico. A procura de reatribuição sexual parece constituir uma forma de reparação narcísica, numa procura identitária.

**Palavras-chave:** transexualismo, bissexualidade psíquica, Rorschach

## **Abstract**

This thesis is focused on the analysis of the mediating function of psychic bisexuality of a transsexual subject, according to the Rorschach method. The purpose was to understand how the disruption of this function influences the disturbance of gender identity constitution in the case of an F-M transsexual. The protocol analysis revealed an integration difficulty regarding the masculine and feminine opposites in the transsexual subject showing a low capacity of bisexual mediation. The presence of the incompleteness theme, the absence of symbolization, anxieties of annihilation and of disintegration, as well as a fragility of the psychic envelope, were observed. The quest for sex reassignment appears to be a way of narcissistic repair, a search for identity.

**Key-words:** transsexualism, psychic bisexuality, Rorschach

## Índice

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1. O transexualismo</b>	<b>3</b>
1.1. Definição e considerações sobre o termo <i>transexualismo</i>	3
1.2. O transexualismo visto como Perturbação da Identidade de Género	10
<b>2. A Bissexualidade Psíquica</b>	<b>17</b>
<b>3. Formulação do problema</b>	<b>22</b>
<b>4. Método</b>	<b>24</b>
4.1. Delineamento do estudo	24
4.2. Participante	25
4.3. Instrumento	26
<b>5. Procedimentos de análise</b>	<b>28</b>
<b>6. Análise do protocolo</b>	<b>32</b>
6.1. Análise cartão a cartão	32
6.2. Análise do psicograma	42
<b>7. Discussão</b>	<b>47</b>
<b>8. Conclusão</b>	<b>52</b>
<b>Referências</b>	<b>55</b>

## Índice de Anexos

<b>Anexo I – Protocolo de Rorschah</b>	<b>69</b>
<b>Anexo II – Psicograma</b>	<b>70</b>

## Introdução

Existem várias tentativas para compreender a génese do transexualismo em psicanálise. Esta condição é comumente abordada como uma perturbação da identidade de género. Deste ponto de vista, o seu estudo pode revelar-se, não apenas interessante, mas, também, importante para aprofundar o conhecimento sobre a constituição da identidade. Se existem alguns trabalhos na literatura sobre a questão do transexualismo masculino, pouca informação se encontra (e muito menos informação concordante) referente ao transexualismo feminino. Assim, poucos casos de mulheres que desejam ser homens, têm sido abordados. Desta forma, considera-se que para uma melhor compreensão da constituição da identidade de género é fundamental abordar ambos os casos recolhendo informação para que as teorias e modelos explicativos se tornem mais completos e consistentes. Ao possuir informação dos dois tipos de caso, podemos esclarecer dúvidas e excluir ou corroborar determinadas hipóteses. Por este motivo, decidiu-se realizar o presente estudo de caso, que terá como suporte metodológico a análise de um protocolo de Rorschach obtido a partir de uma mulher transexual (i.e., um transexual F-M).

Através da realização de uma revisão teórica sobre o tema, constatou-se que o tema da bissexualidade psíquica foi referido como estando relacionado com o transexualismo. David (1975) reportou-se à bissexualidade psíquica como detentora de uma função mediadora, que permite que o sujeito integre os opostos masculino e feminino constituindo, assim, a sua identidade. É graças a esta capacidade que se torna possível o estabelecimento de relações com o outro e o reconhecimento do outro como diferente, tal como a comunicação entre o interior e o exterior. A integração destas capacidades dá lugar à constituição de uma identidade na qual o indivíduo se consegue perceber como ser uno, delimitado e sexuado. Face a estas constatações, supôs-se que a perturbação da função de mediação bissexual teria influência na perturbação da identidade de género.

Deste modo, o presente trabalho tem como objectivo perceber a importância da função mediadora da bissexualidade psíquica na perturbação da identidade de género no sujeito transexual F-M (i.e., sujeito cujo sexo anatómico original é de mulher e deseja ser homem) mediante a utilização do método Rorschach. Para tal, num contexto de revisão de literatura, proceder-se-á a uma definição do transexualismo de acordo com uma perspectiva psicanalítica e à distinção entre transexualismo, travestismo e homossexualidade. Ainda neste subcapítulo, serão descritos os aspectos mais frequentemente observados em sujeitos transexuais, dando especial relevância aos trabalhos de Stoller e Chiland. De entre os vários aspectos mencionados pelos diversos autores, assumem especial relevância: a ansiedade de separação; a angústia de

fragmentação; o medo de aniquilação; a ausência da capacidade de simbolização e a ausência de conflito. A perturbação da identidade de género também é frequentemente referida como perturbação narcísica.

Ainda no âmbito da revisão teórica, será definido o conceito de bissexualidade psíquica de acordo com as concepções de David (1975). Procurar-se-á explicitar a importância da sua função mediadora para a integração dos opostos e, conseqüentemente, para o estabelecimento da identidade de género.

Posteriormente, serão formuladas hipóteses e estabelecidas relações entre a perturbação da bissexualidade psíquica e os aspectos mais frequentemente observados nos sujeitos transexuais na tentativa de os compreender como o reflexo da perturbação da mediação bissexual. Para verificar a existência desta relação procurar-se-á estabelecer uma ligação entre os procedimentos Rorschach e a presença dos aspectos que consideramos estarem relacionados com a perturbação da função mediadora da bissexualidade psíquica. A utilização deste instrumento parece ser adequada, pois, dado o seu carácter bilateral, torna possível analisar a forma como o sujeito integra a diferença e a alteridade mediante a análise das representações em torno de um eixo (Marques, 2001). Assim, o Rorschach dá conta das capacidades de diferenciação do sujeito e de integração na relação entre o corpo e a mente, uma vez que todos os cartões possuem elementos masculinos e femininos (Marques, 2001). Marques (2001), considerou que a identidade é formada em torno de um eixo masculino-feminino que se encontra em reconstrução permanente mercê da integração do casal parental combinado, processo este, que culmina com a integração da bissexualidade (da diferença de sexos). É a partir da análise da capacidade de integração destes elementos que se procurará compreender a influência da mediação bissexual na perturbação da identidade de género.

Finalmente, proceder-se-á à análise do protocolo recolhido procurando perceber se existe, efectivamente, uma perturbação da mediação bissexual e de que forma esta poderá ser explicada no sujeito transexual F-M.

# 1. O transexualismo

## 1.1. Definição e considerações sobre o termo *transexualismo*

Para facilitar a compreensão deste tema é imprescindível ter presente a diferença entre as noções de sexo e género. O sexo é a classificação biológica do indivíduo enquanto homem ou mulher (Paul, 2002). O género é definido como o conjunto de atitudes, comportamentos e sentimentos socialmente construídos na base de associações culturais de mulheres e homens (Paul, 2002). Embora nas sociedades ocidentais seja atribuído um carácter dicotómico à noção de género (feminino/masculino), os antropólogos demonstraram a existência de culturas em que há vários géneros (Paul, 2002).

A identificação sexual é o padrão de características biológicas do indivíduo que comporta o sexo cromossómico, a composição hormonal, as gónadas, os genitais e as características sexuais secundárias. A identidade de género ou identidade sexual consiste na convicção de pertencer ao sexo masculino ou feminino aos níveis biológico, psíquico e social (Almeida & Guerra e Paz, 2003).

Foi o sexólogo Magnus Hirschfeld quem, em 1910, utilizou a expressão *transexualpsíquico* referindo-se aos travestis fetichistas (Bento, s.d.). Em 1949, Cauldwell publicou um estudo de caso de um transexual onde voltou a utilizar o termo anteriormente referido. Neste trabalho foram apresentadas algumas características consideradas próprias dos transexuais, o que possibilitou a delimitação de uma barreira nítida entre transexuais, travestis e homossexuais (Bento, s.d.). Na década de 50, a especificidade do fenómeno transexual começou a ganhar corpo mercê de várias publicações sobre o tema, que permitiram a formação do *dispositivo da transexualidade*.

Em 1953, Harry Benjamin considerou a cirurgia como a única forma de tratamento para os transexuais opondo-se fortemente ao tratamento psicoterapêutico, sobretudo psicanalítico, do transexualismo e do travestismo (Bento, s.d.). John Money, em 1955, publicou a sua tese sobre o conceito de *género* na qual concluiu que o género e a identidade sexual são modificáveis até aos 18 meses de idade. De acordo com este autor (in Bento, s.d.), o desenvolvimento psicosssexual pode ser considerado uma continuação do desenvolvimento embrionário do sexo sendo o sistema reprodutor sexualmente dimórfico.

Nos anos 60 e 70 foram surgindo associações internacionais dedicadas à produção de conhecimento sobre a transexualidade que visavam os mecanismos de construção de diagnóstico para a homossexualidade e o travestismo. Ao mesmo tempo, surgiam propostas de *tratamento*. Em



1966, Benjamin publicou a obra *O Fenómeno Transexual*, onde forneceu os critérios de diagnóstico do *verdadeiro transexual*. Em 1977, a Harry Benjamin Association mudou de nome para Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA) passando a transexualidade a ser conceptualizada como uma *perturbação de género*, termo que havia sido introduzido por Money em 1973 (Bento, s.d.). Para Bento (s.d.), o termo transexualismo é utilizado para definir a condição de indivíduos que vivem uma contradição entre o corpo e a subjectividade.

O processo de *mudança de sexo* segue exigências que os Programas de Reatribuição Sexual definem como obrigatórias para os candidatos. Se estes conseguirem cumprir essas exigências, encontram-se aptos para realizar a cirurgia. O diagnóstico do transexual é realizado mediante a recolha da história clínica do sujeito e o uso de testes psicológicos (Bento, s.d.). O sujeito é submetido a um período de psicoterapia que deve ser suficientemente longo para que não haja dúvidas relativas ao diagnóstico e para evitar o arrependimento do sujeito após a cirurgia, sendo o mínimo exigido dois anos (Bent, s.d.). Os *candidatos* à intervenção cirúrgica são submetidos a tratamento hormonal para modificação dos caracteres sexuais secundários do corpo sendo administrados ésteres ou deconato de testosterona para as mulheres transexuais (transexuais F-M), com vista à sua androgenização, e progesterona, estrogénio e um bloqueador de androgénios para os homens transexuais (transexuais M-F) (Bento, s.d.). O tratamento hormonal nas mulheres apresenta efeitos como: amenorreia; aumento do clítoris e da massa muscular, da qualidade e da espessura da pilosidade facial e corporal; aumento da libido e da agressividade e um timbre de voz mais grave. Nos homens, os estrogénios visam o desenvolvimento de uma maior feminilidade dos contornos corporais e incluem o aumento dos seios e do tecido adiposo. Os supressores de androgénio provocam uma diminuição do número de erecções espontâneas, do volume testicular e da pilosidade corporal. Por vezes, é necessário recorrer à terapia da fala para alcançar um timbre de voz mais feminino (Bento, s.d.).

Todos os candidatos têm que passar pelo *Teste de vida real*, que consiste em usar roupas comuns ao género com que o sujeito se identifica, durante todo o dia (Bento, s.d.). Os testes de personalidade são utilizados para verificar se o sujeito não sofre de nenhum tipo de perturbação específica da personalidade (os mais utilizados são: o MMPI, o Haven e o Rorschach). O programa engloba, ainda, a realização de vários exames médicos de rotina. No que concerne à cirurgia de reatribuição sexual, as mulheres transexuais realizam uma histerectomia, encerramento da vagina, lipoesculturas para as ancas, mastectomia e a construção de um pénis (o que é pouco frequente). Esta última intervenção é muito complicada de realizar uma vez que as técnicas cirúrgicas ainda estão muito pouco evoluídas. Os tecidos mais utilizados para a construção de um pénis são os músculos do antebraço, da panturrilha, da parte interior da coxa ou do abdómen.

Normalmente, o escroto é construído através da expansão dos grandes lábios onde serão enxertados expansores tissulares ou implantes de silicone (Bento, s.d.). Nos homens transexuais, a cirurgia passa pela construção de uma vagina funcional, mediante o aproveitamento dos tecidos externos do pénis para revestir as paredes desta, e de plásticas para criar os pequenos e grandes lábios a partir dos tecidos do escroto. O clítoris é construído a partir de uma parte da glândula (Bento, s.d.).

Com o propósito de melhor clarificar a problemática do transexualismo, pensamos ser conveniente a distinção entre este termo, o travestismo e a homossexualidade. Assim, o transexualismo não está relacionado com a orientação sexual do sujeito mas sim com a sua identidade de género (Nedeff, 2001). Esta perturbação está relacionada com o seu próprio corpo e personalidade não remetendo para a escolha do objecto em si. Podem ser distinguidos dois tipos de perturbação da identidade sexual: os transexuais e os travestidos de duplo papel (Nedeff, 2001). Os primeiros são aqueles que desejam viver e ser aceites pela sociedade como pertencendo ao sexo oposto, valendo-se de hormonas, vestuário característico do sexo oposto e procurando a realização da cirurgia de reatribuição de sexo. Relativamente aos segundos, apesar de não aceitarem o seu sexo biológico, fazem tratamento hormonal, desejando pertencer ao sexo oposto, mas conseguem viver a ambiguidade dos papéis de género e são capazes de identificar e suportar a ambivalência emocional não recorrendo à cirurgia de mudança de sexo.

No caso dos transexuais M-F, Stoller (1993) distinguiu entre transexuais primários e secundários. O primeiro caracterizar-se-ia pela ausência de masculinidade e pela presença de feminilidade natural. Estes exibem comportamentos femininos desde a infância, sendo reconhecidos como raparigas típicas desde os três/quatro anos e aceites por estas nos seus jogos. Referem sempre terem desejado vestirem-se e viverem como uma mulher e nunca terem assumido um papel masculino. Não demonstram interesse na preservação dos genitais masculinos, nem de forma concreta nem de forma simbólica. Stoller (1968) identificou um padrão de figura parental que poderá estar na base do relacionamento com estes sujeitos. O transexual secundário não possui um historial linear de comportamentos femininos, encontrando-se o desejo de mudança de sexo relacionado com diversos padrões de vida. Deste modo, pode-se referir, de um lado, o caso de homossexuais com inclinação progressiva para o lado feminino que termina com o desejo de ser mulher; de outro lado, encontram-se os casos de transvestismo como forma de obter prazer, através do uso de vestuário num curto ou longo período de tempo, em que o sujeito procura, não o prazer erótico, mas um estado de completude feminina.

Para Stoller (1968), o transexual F-M representa *o extremo de uma homossexualidade masculinizada* manifestando comportamentos reconhecidos como tipicamente masculinos desde a infância, não ocorrendo nunca comportamentos próprios da conduta feminina. Algumas manifestações são: adopção de um nome masculino, desejo de se tornar homem, assumir um modo de brincar típico dos rapazes. Assumem um papel masculino nas situações profissional e privada e manifestam uma atracção erótica por mulheres com traços femininos acentuados.

Glasser (in Nedeff, 2001) considera que a estrutura da personalidade do sujeito é influenciada por um complexo central. Afirma que, no travestismo, uma das componentes desse complexo é a fusão com o objecto (a mãe idealizada) havendo uma identificação com este. Para este autor, o travesti sabe que não é e que não pode ser a sua mãe, mas modela o seu comportamento baseado nela, incluindo a nível corporal. Assim, o seu processo defensivo consiste numa simulação ocorrendo uma libidinização da agressividade proveniente do complexo central e os relacionamentos afectivos e eróticos adquirem uma natureza sadomasoquista (como sucede em todas as perversões). De acordo com Glasser (in Nedeff, 2001) o travestismo difere do transexualismo na medida em que estes não receiam a castração, buscando-a através da cirurgia. Considerou que o transexualismo não é uma perversão pois não ocorre uma libidinização destinada a resolver conflitos do complexo central como acontece com o travestismo. Stoller (1975), distingue sete grupos de travestismo: o travestismo fetichista, que consiste na utilização de roupas do sexo oposto com a finalidade de produzir excitação genital que conduz à masturbação e ao orgasmo; o transexualismo, em que a utilização de roupas do sexo oposto não visa a excitação genital não existindo períodos alternados de masculinidade e feminilidade, como nos travestis fetichistas, dada a ausência de um período na infância onde estes desenvolvessem um comportamento masculino e de aceitação da virilidade; a homossexualidade efeminada, que consiste em vestir roupas de mulher em determinadas ocasiões por curtos períodos de tempo, não havendo excitação sexual induzida pelas roupas e existindo preferência por objectos sexuais do mesmo sexo; os psicóticos patentes, incertos e latentes, que remete para estados psicóticos onde se geram distúrbios de masculinidade e feminilidade havendo, por vezes, alucinação de transformações do corpo; o grupo misto, que consiste numa conjugação entre mais do que uma das características enunciadas anteriormente; o travestismo biologicamente induzido, que não é acompanhado por excitação sexual (e.g.: hipogonadismo congénito e doenças do lóbulo temporal); e o travestismo casual, que remete para crianças que, ocasionalmente, vestem roupas do sexo oposto sem excitação sexual, sem persistência e sem desejo de mudarem de sexo (Stoller, 1975).

Muitos investigadores ainda consideram que os transexuais não passam de homossexuais extremamente efeminados (Stoller, 1982). De facto, tanto os transexuais como os homossexuais efeminados possuem características similares às das mulheres. Ambos se desenvolvem em ambientes onde a mãe é dominadora e superprotectora e os pais são inadequados (Stoller, 1982). Quer os homossexuais efeminados quer os transexuais M-F preferem homens e agem como mulheres. A diferença entre estes dois reside na questão da *superestimulação sexual*, isto é, não existem evidências de que as mães de transexuais tenham tentado seduzir os filhos ou criar neles excitação sexual (pois estes teriam que ter masculinidade para serem passíveis de sedução), uma vez que os sujeitos transexuais não possuem senso de uma relação heterossexual com as mães, nem estas com os filhos não havendo possibilidades de conflito edípiano. Se este tivesse ocorrido ter-se-ia desenvolvido a homossexualidade e não a transexualidade. No caso do transexual, este nunca sofreu uma separação suficiente da sua mãe que possibilitasse tomar consciência desta como objecto sexual (Stoller, 1982). Desta forma, podemos compreender que transexualismo, travestismo e homossexualidade são coisas diferentes.

O transexualismo consiste numa total recusa do sexo anatómico do sujeito. Não se trata de um desejo de pertencer ao sexo oposto, mas sim de um facto, isto é, o sujeito reconhece que o seu corpo pertence a um sexo mas acredita que a sua mente pertence ao sexo oposto. Ao mesmo tempo, o transexual manifesta um desejo fanático por obter o que deseja (a *mudança* de sexo), mesmo que isso signifique colocar a sua vida em perigo (Chiland, 2005). De acordo com Chiland (2005), mesmo depois da cirurgia, alguns pacientes continuam a ter dúvidas relativamente ao que são e procuram ajuda no sentido de encontrar essa resposta. Chiland (2005) relatou, com base nas observações que efectuou, que, em situação psicoterapêutica, o transexual não fala sobre os seus desejos, conflitos e fantasias, pois, para ele, não existe um conflito propriamente dito por trás do seu pedido. Para o sujeito, não se trata de um desejo de pertencer ao sexo oposto, existindo sim uma evidência de pertencer a esse sexo (Chiland, 2005). Chiland (1988) observou, em vários casos, que os transexuais parecem não possuir recordações infantis e que o seu discurso é pobre o que reflecte perturbações de carácter ou descompensações somáticas graves. Constatou, ainda, que esta ausência de memórias não é exclusiva dos indivíduos transexuais manifestando-se, também, nos seus pais.

No que concerne ao período da puberdade, Chiland (2001) denotou um grande sofrimento nestes sujeitos. Neste período, as raparigas com perturbação da identidade de género experimentam vivências de angústia e ódio face à menstruação apresentando, algumas delas, uma patologia anoréctica com vista à supressão dos traços femininos. Nos rapazes o desenvolvimento

das características sexuais secundárias masculinas é, também, vivenciado com grande angústia. A autora verificou, em ambos os casos, a ocorrência de crises de depressão e tentativas de suicídio.

A incerteza que o transexual sente é, por vezes, agonizante, dando a impressão de ser psicótico/esquizofrênico. No entanto, não se trata de psicose, de neurose, de perversão, nem de perturbação psicossomática. Para Chiland (2005), poder-se-ia falar em estado *borderline* ou patologia narcísica, contudo, a verdadeira natureza da transexualidade não é conhecida. Chiland (2005) utilizou a designação estado *borderline* relacionando-a com o transexualismo sem, no entanto, se contentar com esta expressão uma vez que, apesar de reconhecer a possível existência de uma relação entre a perturbação da identidade presente no transexualismo e a difusão da identidade característica do estado *borderline*, o sentido de realidade do sujeito permanece intacto em todos os domínios. Desta forma, Chiland (2005) encarou o transexualismo como uma perturbação narcísica afirmando que alguns pacientes constroem o seu *self* (o seu sentimento de existir) adoptando a identidade de género oposta. Para Juliet Mitchell (in Limentani, 1979), não é suficiente afirmar que a criança transexual não é psicótica pelo facto de esta saber que possui um pénis, sendo necessário verificar o significado que ela atribui ao pénis; o transexual parece não possuir ideia simbólica do pénis. Se a fusão entre a mãe e a criança se prolongar para além das primeiras semanas de vida o Ego confundir-se-á com o objecto. Para Segal (1957), a formação do símbolo surge como uma defesa contra o medo do mau objecto e contra o medo de perder o bom objecto, o que leva a criança a criar símbolos para manter o bom objecto no seu interior (estes vão protegê-la do mau objecto). Segal (1957) adiantou que perturbações na diferenciação entre o Ego e o objecto induzem perturbações na diferenciação entre o símbolo e o objecto simbolizado e, assim, leva ao pensamento concreto característico da psicose. Embora a personalidade e algumas funções do Ego se encontrem perturbadas nos transexuais, estes não podem ser considerados psicóticos, mas existe uma insinuação de pensamento concreto na afirmação de que eles sentem pertencer ao sexo oposto (Limentani, 1979).

De acordo com Chiland (2005), o objectivo maior da intervenção cirúrgica não é a possibilidade da realização de relações sexuais. O transexual F-M não possui tanto interesse no órgão genital como o transexual M-F pois, alguns deles, ficam satisfeitos apenas com a supressão das características femininas visíveis e não dão mais importância ao falo do que a esse aspecto. Os transexuais M-F, por sua vez, consideram o seu pénis o principal determinante da sua condição masculina procurando libertarem-se deste, por vezes, através da auto-mutilação. No âmbito das relações sexuais, Chiland (2001) constatou que os sujeitos F-M (antes da reatribuição sexual) têm muita dificuldade em se despirem na presença da sua companheira e não toleram o toque nos seios ou no clítoris. Assumem o papel de homem na relação, procurando dar prazer. A

autora concluiu que existe uma assimetria nas relações estabelecidas por estes casais. Apesar de, após a cirurgia de reatribuição, ser muito excepcional a ocorrência de relações homossexuais por parte de um transexual F-M, existem casos de relações lésbicas em sujeitos M-F (Chiland, 2001). No caso dos sujeitos M-F, o comportamento sexual varia, havendo tanto sujeitos com pouca actividade sexual, como sujeitos que se prostituem frequentemente. No geral, estes sujeitos rejeitam o toque genital e assumem uma posição passiva face ao outro. Chiland (2001) concluiu que, dada a grande variação de vivências sexuais, verifica-se uma assimetria entre o transexualismo F-M e M-F.

Limentani (1979), com base nos casos de transexualismo observados, encontrou ansiedade paranóide, ansiedade depressiva, e ansiedade de separação associada à angústia de fragmentação e ao medo de aniquilação. Assim, estes sujeitos não encontram alívio para o seu sofrimento nem no travestismo, nem nas relações homossexuais. Para Limentani (1979) a ansiedade de separação é a base para o aparecimento da síndrome transexual nos homens e nas mulheres.

Alguns autores consideraram o transexualismo como uma defesa contra a homossexualidade e outros como uma perturbação de identidade de género rara (Limentani, 1979). A essência do transexualismo reside na ideia de que a mente se encontra alienada ao corpo. Nos casos mais extremos os sujeitos manifestam um desejo urgente em serem *tratados* hormonal ou cirurgicamente, sem que se manifeste a ansiedade de castração ou as defesas habituais contra esta (Limentani, 1979). De acordo com Limentani (1979), a investigação em psicanálise tende a sustentar a ideia de que o transexualismo é uma defesa contra os desejos homossexuais que ameaçam o sentimento de identidade do sujeito. Por outro lado, alguns clínicos consideraram que apenas um sujeito psicótico desejaria a transformação do seu sexo.

Limentani (1979) referiu que Ralph Greenson e Robert Stoller foram os primeiros a tentar separar o transexualismo do travestismo, da homossexualidade, da psicose e da feminilidade ou masculinidade excessiva. Chiland (2005) constatou que apesar de nos transexuais F-M parecer existir uma componente homossexual, não é isso que acontece, pois a sua actividade sexual não é como a daquelas mulheres que dizem ser homossexuais, sendo que não existe reciprocidade nas suas trocas amorosas. Estes transexuais acariciam o seu parceiro, mas não se permitem ser acariciados, pois o que é importante é o prazer do parceiro e não o seu, talvez porque o receiam. Este transexual deseja ser tratado como um homem, não se podendo tratar de homossexualidade (Chiland, 2005). No entanto, Socarides (in Limentani, 1979) afirma que o transexualismo é visível nos homossexuais que procuram resolver os seus conflitos emocionais através da negação, que é um mecanismo psicótico. Para Limentani (1979), não há a evidência de

um desejo inconsciente de vingança contra as mulheres ou de uma hostilidade latente contra os homens, que está presente nos homossexuais passivos. Para o autor, o transexualismo e a homossexualidade têm muito em comum especialmente quando a mãe se torna parte de uma organização do *self* narcísica em que o rapaz delega a sua parte masculina para ela afastando-se da participação activa na destruição do pai. A inveja e os sentimentos de competitividade com a mãe são dominantes na vida mental dos homossexuais mas assumem menos influência no transexual homem, pois este insiste que não tem razão para invejar uma mulher, uma vez que ele próprio é uma mulher. Limentani (1979) estabeleceu a hipótese de que a síndrome transexual é, nalguns casos, precursora de travestismo e homossexualidade, constituindo estas duas condições uma forma de resolução espontânea de perturbações mais graves.

Stoller (1975/1982) considerou que o transexualismo não se trata de um delírio, nem de uma ilusão, uma vez que não existe nem negação da realidade externa (o sujeito reconhece o seu sexo anatómico), nem uma má interpretação dessa realidade. Este autor também não atribuiu ao transexualismo uma etiologia traumática, repressiva nem defensiva. Embora alguns autores considerem que o transexualismo se assemelha ou faz parte de outro quadro psicopatológico, parece existir na literatura um consenso em relação à ideia de que a formação da identidade de género está na base do desenvolvimento do transexualismo.

## 1.2. O transexualismo visto como Perturbação da Identidade de Género

Para Stoller (1968), a identidade de género é um sistema de crenças individuais, existindo um sentimento da própria masculinidade e feminilidade independente da estrutura fisiológica do indivíduo, envolvendo apenas factores psicológicos. Este autor baseou-se no conceito de bissexualidade definido por Freud para formular a sua teoria sobre a identidade de género. Freud (1920) considerava que o homem e a mulher possuíam tendências masculinas e femininas que desencadeavam um conflito no desenvolvimento da identidade sexual. Assim, a bissexualidade determinaria a escolha de objecto e o grau de masculinidade e feminilidade, processo no qual seria muito importante a qualidade de oposição de cada sexo (inveja do pénis - protesto masculino). Nesta perspectiva, as formas de comportamento sexual resultariam de um contínuo tendo a sua base num potencial neo-natal bissexual. Freud (1920) considerava que a primeira relação do homem é heterossexual, enquanto que, a primeira relação da mulher é homossexual, pois tem como objecto de amor uma mulher, o que dificultaria o desenvolvimento da sua heterossexualidade. Stoller (1993) colocou em causa esta heterossexualidade primária do homem, sugerida por Freud, através da introdução do conceito de *proto-feminilidade*. Deste modo, o autor

considerou que o processo de construção da identidade masculina é dificultado pelo facto de as suas primeiras experiências terem lugar junto a um indivíduo do sexo feminino dada a existência de uma simbiose com a mãe. Assim, a identificação primária com a mãe e com a sua feminilidade teria que ser procedido de uma separação da mãe, possibilitando a criação da masculinidade. Stoller (1993) concluiu que é na ausência desta separação, havendo uma simbiose gratificante e prolongada com a mãe, que se baseia o transexualismo masculino.

Para Stoller (1982), o desenvolvimento da identidade de género é processado com base em dois aspectos: a *proto-feminilidade* e a existência de uma *dinâmica familiar particular*. Este autor enunciou alguns factores que considerou influentes na constituição da identidade de género, sendo eles: a interacção física e psíquica entre os progenitores e o bebé; a designação dos sexos no nascimento e as consequências decorrentes da satisfação dos pais com esta determinação (com base nas quais o bebé vai interpretar e fantasiar); e a importância assumida pelas sensações dos genitais na determinação física e psíquica do sexo.

Para Oppenheimer (1992), é a problemática narcísica que se encontra na base do transexualismo, em que o sexo é investido como uma parte da identidade. O transexualismo consiste, então, numa tentativa de restauração narcísica. Oppenheimer (1992) discordou de Stoller quando este afirmou que o transexualismo resulta de um processo conflitual, adiantando que a causa do transexualismo masculino poder-se-á fundamentar na carência de respostas específicas por parte da mãe face à masculinidade do bebé, o que a impede de realizar as funções de espelho necessárias para que o bebé invista no seu corpo como masculino. A este aspecto juntam-se outros dois: a ausência de um pai que invista o filho como masculino, sendo esta ausência vivida como uma perda que gera no bebé sentimentos de desvalorização e de inferioridade sexual conduzindo a uma *desidentificação* da masculinidade; e a desvalorização do papel do pai (pela mãe) anulando a função paterna o que eleva o filho ao estatuto de marido perfeito. Estas circunstâncias permitem que o Ideal do Eu se conserve fixado no modelo pré-genital, onde o pensamento mágico actua no sentido de um corpo fantasiado como um duplo feminino projectado para o Ideal do Eu. A transformação do corpo cumpre, para o sujeito, a função de se convencer que não é um homem falhado, mas sim uma mulher (Oppenheimer, 1992).

Badinter (1992) apresentou uma perspectiva sobre a formação da identidade de género assente nas diferenças sexuais. Este autor definiu a identidade masculina pela negativa, concebendo a masculinidade como tudo aquilo que não seja feminino. Na rapariga, a intimidade com a mãe fornece-lhe o contacto com a sua própria natureza, o que constitui a base da sua identidade sexual. No rapaz a situação é inversa e este tem que se diferenciar daquela com quem



estabelece essa relação de intimidade. Assim, a identidade masculina constrói-se a partir de uma *tripla negação* em que o rapaz tem que se convencer a si próprio, e aos outros, de que não é uma mulher, nem um bebê, nem um homossexual (Badinter, 1992). Desta forma, a constituição da masculinidade do sujeito reside na diferenciação do materno feminino. Segundo Badinter (1992), no rapaz, a separação da mãe concretiza-se através de duas temáticas opostas e complementares: a traição da mãe amada e a libertação da repressão materna.

A identidade é uma crença que se forma com base nas interpretações que o sujeito faz das mensagens comunicadas pelos seus progenitores/cuidadores, sendo essas interpretações reforçadas pelos eventos que sucedem no seu corpo e pela atitude que os outros têm face ao indivíduo (Chiland, 2005). Essa crença envolve o tipo de interpretações que os sujeitos fazem acerca das mensagens conscientes e inconscientes que os pais lhes transmitem (Chiland, 2005). Consequentemente, desenvolve-se a identidade de género, ou seja, o sentimento de ser masculino ou feminino, aspecto que está sempre sujeito à cultura em que o indivíduo se insere. No caso dos transexuais, Chiland (2005) sugeriu a possibilidade de o sujeito não sentir a sua continuidade, o seu *self*, não se sentindo amado como pensa que poderia ser se pertencesse ao sexo oposto. Esta convicção vai-se construindo ao longo dos anos e exige uma convicção idêntica por parte dos outros. Ainda no âmbito da questão da identidade, Stoller (1982), introduziu o termo *Núcleo da Identidade de Género* para se referir à primeira sensação de que uma pessoa pertence ao seu sexo adiantando, ainda, que esta será desenvolvida sem traumas nem conflitos. Stoller (1969) considerou que o transexualismo é menos complexo do que outras perturbações de identidade de género, surgindo ligado a uma *dinâmica familiar particular*. Stoller (1969) descreveu a experiência entre a mãe e o menino como *beatífica*, marcada por uma simbiose. Não há relação edipiana, pois o pai encontra-se excluído da relação. Assim, o *destino* do homem transexual é selado por volta dos dois ou três anos, quando se torna evidente a sua extrema feminilidade (Stoller, 1969). Este filho está *destinado* a servir como uma falo para a mãe, pois esta sofreu com a ausência ou rejeição do seu pai, e a ser para a mãe um fornecedor de amor. Por vezes, a *dinâmica familiar* encontra-se ausente, como foi sugerido num estudo sobre 56 transexuais que foram submetidos a cirurgia (Tsoi, Kok, & Long, in Limentani, 1979) no qual não surgiram evidências de vinculação indevida à mãe ou ausência da figura paterna.

A abordagem psicanalítica assume que existe uma bissexualidade inata no ser humano e compreende a transexualidade como resultado de problemas na qualidade da relação mãe-bebê nos primeiros anos de vida, o que afecta o estabelecimento da identidade de género (Almeida, & Guerra e Paz, 2003). De acordo com Almeida e Guerra e Paz (2003), determinados acontecimentos que interferem com o amor que a criança sente pelo progenitor do sexo oposto e

com a identificação ao progenitor do mesmo sexo vão interferir com o estabelecimento de uma identidade de género.

O pai tem um papel muito importante no processo de separação-individuação constituindo, para a rapariga, o protótipo dos objectos de amor futuros. Para o rapaz, o pai é um modelo de identificação (Almeida & Guerra e Paz, 2003). Nos rapazes a identificação ao próprio sexo é mais ambígua (Almeida & Guerra e Paz, 2003). Os homens transexuais, na resolução do conflito edipiano, identificam-se à mãe e não ao pai sendo que esta pode apresentar muita dificuldade em separar-se do filho. Como inicial e geralmente as ligações são efectuadas com uma imagem feminina, os homens preservam aspectos de identificação feminina que dificultam a consolidação da identidade de género (Almeida & Guerra e Paz, 2003). Almeida e Guerra e Paz (2003) sugerem ainda que a origem do transexualismo também pode remeter para a morte, ausência prolongada ou depressão da mãe o que levaria o rapaz a identificar-se totalmente com a mãe transformando-se nela para a substituir.

Stoller (1982) constatou, através de casos que observou, que, frequentemente, se manifestava nas mães dos meninos transexuais o desejo que possuir um pénis. Desta forma, os dois uniam-se tornando-se um só: o menino tornar-se-ia o pénis da mãe e, ao fazer parte da mãe, tornar-se-ia feminino. Para Stoller (1982), a mãe do transexual assume uma simbiose excessiva com o filho, o que faz com que este se sinta mulher. Estas mães não encorajam os filhos à separação do seu corpo. Além disso, desencorajam a adopção de condutas masculinas (este encorajamento e desencorajamento é feito inconscientemente). Com esta atitude, as mães impedem a *desidentificação*, termo proposto por Greenson (in Stoller, 1982) para se reportar ao abandono dos vínculos excessivos das identificações femininas. Contudo, Stoller (1982) observou que estas mães não prejudicam o desenvolvimento das funções do Ego, excepto do sentido de feminilidade. Os meninos que o autor observou não apresentavam evidências de psicose ou precursores das mesmas. Stoller (1982) afirmou que os meninos transexuais não desenvolvem a sua feminilidade através do mecanismo de identificação, sendo que, numa primeira fase a criança recebe de modo passivo a feminilidade devido à excessiva imposição do corpo materno. O autor argumentou que o período edipiano não contempla quaisquer alterações na feminilidade que já se encontra estabelecida no menino transexual, não se verificando manifestações de ansiedade de castração, sentimentos incestuosos e identificação com o progenitor do mesmo sexo. Tudo isto permite que a identidade feminina do sujeito se desenvolva inalteravelmente. A ausência do conflito edipiano resulta da ausência física e ou psicológica do pai (que não surge nem como rival pelo amor da mãe, nem como modelo de identificação) e de uma simbiose contínua com a mãe (Stoller, 1982). Como os meninos femininos sempre apreciaram feminilidade e abominaram

masculinidade, a castração não representa ameaça para eles; logo, não se manifesta angústia de castração. Esta constatação vai contra o que Limentani (1979) observou, pois, de acordo com esta autor, a ansiedade de castração estava presente no transexual.

Para Limentani (1979), o papel indisponível e distante ou excessivamente masculino do pai tem consequências no desenvolvimento de fantasias transexuais persistentes ou perturbações da identidade de género. No entanto, o autor não exclui a importância de um materno deficiente quando este envolve o encorajamento do papel de género patológico. Assim, surge a simbiose na relação que evolui para uma ambivalência (Limentani, 1979). O papel do pai é fulcral para controlar a intensidade das projecções e identificações como elas surgem na mãe e no bebé. Este processo, juntamente com a clivagem e o distúrbio dos mecanismos introjectivos, é agravado se a mãe impedir activamente que o pai se torne uma pessoa real para o bebé. Existe uma probabilidade reduzida de internalizar o bom seio sem a presença do pai (ou alguém que o represente). O que é central na patologia do transexualismo não é a questão de regressão ao bom seio, mas sim a falta da sua introjecção. Este distúrbio vai conduzir a uma defeituosa apreciação dos órgãos genitais e da genitalidade nos dois sexos. Assim, a formação simbólica vai ser afectada relativamente a várias funções do Ego (Limentani, 1979). No homem transexual a explicação pode estar ligada à severidade dos processos identificatórios projectivos e introjectivos que causaram confusão com o objecto primário nos estádios iniciais de desenvolvimento. Assim, o sujeito vai assumir as catexias dos objectos e, como consequência, vai sentir orgulho em tudo o que é do interesse da mãe. O resultado é a falta de simbolização dos genitais masculinos. O que sucede com a rapariga é idêntico - é o resultado de mecanismos de identificação projectiva (Limentani, 1979). No caso do rapaz cuja a mãe dificultou (consciente ou inconscientemente) o processo de separação-individuação, após um longo período de intensa identificação com ela, ele necessitará de ser fisicamente igual a ela (enquanto vai ganhando consciência de que só consegue imitá-la). Ser-lhe oferecido um corpo de mulher vai reforçar a ilusão de estar eternamente fundido com a mãe. O novo corpo cria, na organização narcísica, um sentimento de independência do objecto primário. Assim, o sujeito não receia a separação da mãe, uma vez que ele próprio é a sua mãe (Limentani, 1979).

No que concerne ao Complexo de Édipo, Limentani (1979) notou a sua presença em vários sujeitos transexuais que observou, mas também constatou, noutros tantos, uma tentativa de evitar a discussão sobre o progenitor do sexo oposto. De acordo com Stoller (1982), no transexual masculino, mãe e filho permanecem ligados, porque a mãe interfere no processo de separação, levando a criança à feminilidade. Assim, como não há separação nem conflito, torna-se impossível a constituição da masculinidade no sujeito transexual. O autor defende a

perspectiva de que é essencial existir trauma psíquico, conflito e resolução de conflito na formação da identidade masculina, considerando como prova o facto de no menino transexual o conflito negado significar masculinidade negada devido a uma relação *demasiado amorosa* com a mãe. Desta forma, não há conflito edipiano. O menino torna-se incapaz de distinguir a mãe como um objecto heterossexual desejado e não perde a luta contra o rival masculino (porque esta luta não existe). Uma vez que a mãe e a criança se encontram unidas numa espécie de simbiose, estando o pai ausente, nunca se tornará possível a emergência de uma situação edipiana de tensão, a insatisfação e a ansiedade para reduzir a tensão. Stoller (1982) afirmou que, desta forma, ficam estabelecidas, no primeiro ano de vida, as raízes da masculinidade ou da feminilidade do sujeito. Este estabelecimento do *Núcleo da Identidade de Género* é mediado por processos que resultam da personalidade dos pais e da forma como eles se relacionam com o menino (física e psicologicamente). Sintetizando, Stoller (1982) concluiu que o transexualismo resulta das atitudes dos pais e não de uma defesa do sujeito contra os seus próprios desejos (que seriam reprimidos).

Para Stoller (1969), o transexualismo deve ser considerado uma patologia diferente nos dois sexos. No caso das raparigas, ele concebe-a como uma perturbação da identidade de género que constitui uma defesa contra o trauma, em que a mãe estava deprimida e incapaz de cuidar da sua filha, enquanto que no rapaz não há trauma nem conflito. Na tentativa de melhor compreender as raízes do transexualismo feminino, Stoller (1982) realizou algumas observações deparando-se com alguns aspectos frequentemente relatados nas famílias destes sujeitos: algumas vezes, a criança não correspondia aos desejos dos pais por ser bonita ou feminina; a criança não gostava de ser abraçada no colo, empurrando a mãe; a mãe feminina era afastada da criança, muitas vezes, por um problema emocional (e.g.: depressão); e ausência psicológica de um pai masculino quer por não suportar/consolar a mulher que se encontra em depressão (recaíndo sobre a filha essa tarefa), quer por não encorajar a feminilidade da filha. Almeida e Guerra e Paz (2003) avançaram, ainda, que, relativamente às raparigas transexuais, as suas mães apresentam um *self* não coeso com relação objectal deficiente e inveja do sexo oposto, o que é comunicado à filha. Existe, portanto, um desejo da parte da mãe de que a filha seja um homem (o que também pode constituir uma tentativa de que esta venha a ocupar o lugar de um pai ausente). Esta hipótese é, de certa forma, consistente com a ideia de Stoller sobre a masculinidade da mãe da rapariga transexual, de acordo com a qual, a mãe deseja fortemente possuir um pénis. Por sua vez, Afonso (2007) considerou que nas mulheres masculinas aconteceu a situação inversa à dos homens femininos: houve uma interrupção súbita do estágio de simbiose com a mãe.

A propósito do transexualismo feminino, Limentani (1979) considerou que se trata de uma perturbação mais grave devido ao desespero que existe em algumas mulheres por não

conseguirem experienciar um corpo como seu próprio. Como a rapariga é fisicamente idêntica à mãe, ela necessita alcançar uma separação completa desta de modo a poder identificar-se com o papel feminino e maternal. A ansiedade de separação vai manter o laço com a mãe e, em desespero, ela vai procurar ter um corpo que possa reclamar como seu. A rapariga consegue, assim, afirmar a sua independência da mãe e do pai (Limentani, 1979).

Como foi referido anteriormente, Stoller (1982) observou em vários casos de transexualismo feminino a existência de mães deprimidas e de pais incapazes de as consolar. A menina não é tratada desde o início como tal, o que proporciona o desenvolvimento de atributos considerados masculinos que os pais encorajam. O pai reage à masculinidade da filha tornando-se objecto de identificação (ensinando-lhe papéis e tarefas masculinas). Noutros casos observados pelo autor, a filha surgia como *cuidadora* da mãe na depressão desta, enquanto o pai encorajava o desenvolvimento da masculinidade. Stoller (1982) relatou alguns aspectos que considerou necessários numa mãe para que a filha se identifique como feminina: a *feminidade* da mãe (estar confortável com o seu sexo anatómico); a feminilidade da mãe (gostar de ser, comportar-se e fantasiar em estilos definidos como femininos); a maternidade da mãe (desejo de ter e criar filhos); a heterossexualidade da mãe (desejo de viver com e ser penetrada por um homem); e a inclinação da mãe para o casamento (desejo de casar-se e apreciar o marido no seu papel). No entanto, de acordo com o autor, o pai também pode promover a feminilidade da filha, encorajando o seu comportamento feminino e apreciando a proximidade física e psíquica com ela. Ao apreciar a *feminidade* e a feminilidade da filha, o pai permitirá que ela admire esses atributos em si e deseje, no futuro, ter uma relação heterossexual com um homem.

Stoller (1982), constatou a existência de um mecanismo comum nas mulheres transexuais que observou: elas relatam que sempre se sentiram muito protectoras em relação à mãe, tendo pensamentos conscientes de tomar conta dela como faria o marido, comportamento ao qual as suas mães responderam reciprocamente encorajando a filha a assumir esse papel. As mães das mulheres que observou eram sofredoras, tristes e *abandonadas* pelos maridos (psicologicamente). A menina surge no vazio deixado pelo pai na sua mãe. Stoller (1982) considerou que é como se a menina fosse *destinada* a proteger a sua mãe, destino esse que lhe exige a adopção de papéis masculinos que se vão acumulando. Como a mãe não realiza a sua maternidade, resulta uma depressão para a filha que é *curada* apenas quando esta faz algo a que a mãe responde afectuosamente, ou seja, quando age como marido protector.

## 2. A Bissexualidade Psíquica

Freud considerou a bissexualidade como um elemento inato na psicologia humana. Para Freud (1920), era a força com que se manifestavam as disposições masculinas e femininas que determinaria se a situação edipiana se resolveria pela identificação ao pai ou à mãe, sendo esta uma das formas como a bissexualidade se manifesta no Complexo de Édipo. Segundo Freud (1920), a bissexualidade é um elemento constitucional do ser humano, isto é, faz parte da constituição biológica do indivíduo, influenciando a escolha do objecto bem como o grau de masculinidade e feminilidade de um sujeito e sendo responsável por uma resistência em cada sexo. Stoller (1982) usou o termo bissexualidade para se reportar à *presença de qualidades [psicológicas] masculinas e femininas demonstradas na mesma pessoa* (p. 76). Para David (1975), a bissexualidade possui uma função mediadora que possibilita a integração do feminino e do masculino no corpo psíquico. David (1975) transferiu as formulações de Freud sobre a bissexualidade biológica para a dimensão psicológica reportando-se às relações intra e intersubjectivas patentes na organização da psicosexualidade. A bissexualidade psíquica remete para os opostos cujo conteúdo consiste na divisão e na reunião, na dualidade e na unidade e na desunião e na unificação (David, 1975). Neste contexto, apresenta-se a dialéctica do masculino e do feminino que se inicia na fase embrionária, onde o masculino é caracterizado pela actividade e fecundação e o feminino comporta um cariz passivo e receptivo. A bissexualidade reenvia para a ambiguidade psíquica que envolve a integração da bissexualidade pessoal, ou seja, a capacidade de o sujeito se identificar ao diferente do Eu e ao outro sexo e de se identificar a uma sexualidade e psicosexualidade diferente da própria (David, 1975). A *dessexualização* e a autonomização são condições essenciais para que tal aconteça. Desta forma, a bissexualidade psíquica trata-se de uma conjunção entre os opostos homem/mulher, masculino/feminino, sendo necessário que o sujeito reconheça que existe um outro com o sexo diferente do seu, que se posicione face a ele e que o procure, uma vez que existe uma necessidade de completude (David, 1975).

Kreisler (in David, 1975) reportou-se à bissexualidade psíquica como independente da condição biológica, pois considera que a origem da sexualidade psíquica assenta na diferenciação da identidade sexual que está relacionada com o desenvolvimento do Eu e que, mediante o impacto do meio, evolui até à adolescência. Servindo-se das teorizações de Stoller e de Kreisler, David (1975) considerou que o fenómeno transexual mostra a coexistência de dois pilares da bissexualidade (o psicológico e o biológico), aspectos estes que influem nas experiências vividas na diferenciação da psicosexualidade. Deste modo, a bissexualidade está sempre presente na psicosexualidade.

Meltzer (1988), por sua vez, introduziu o conceito de *ambissexualidade* considerando o seu papel na estrutura psicosssexual, que corresponde a uma tentativa de integração da bissexualidade falhada. Para este autor, no transexual é plausível a existência de uma oposição entre a bissexualidade e psicosssexualidade que se manifesta mediante a exteriorização de uma polaridade entre o feminino e o masculino (David, 1975).

Freud (1920) pensou na bissexualidade como uma causa específica de repressão, dada a necessidade do sujeito permanecer inconsciente da própria homossexualidade. Assim, esta deve ser vista como um fenómeno biológico para passar a ser concebida como um fenómeno intrapsíquico que ocorre no centro do desenvolvimento individual. Em todos nós são observadas identificações bissexuais, que definimos como masculinas e femininas, maternas e paternas, sendo nós uma mistura de todos estes aspectos; toda a escolha do objecto sexual é bissexual, ou seja, procuramos objectos que, inconscientemente, nos lembram as nossas figuras paternas, masculinas e femininas (Smith, 2002).

A bissexualidade é um conceito que faz a ponte entre o consciente e o inconsciente, a fantasia e a realidade. A bissexualidade psíquica pode, assim, ser vista como o núcleo em torno do qual se desenvolve a identidade do sujeito. Aquela que permite distinção entre o mundo interior e o exterior; entre Eu e o Outro. Desta forma, podemos, a partir da bissexualidade psíquica, tentar perceber a origem de toda a psicopatologia. De acordo com Kernberg (1995), a experiência do amor íntimo, incluindo o orgasmo, não é apenas uma experiência psíquica de perda de fusão e de fronteira; cada amante, em diferentes graus, trás para o encontro uma fantasia de vida repleta de parceiros sexuais do mesmo sexo e do sexo oposto, resultando numa emergência de uma fantasia bissexual e uma realização do prazer polimorfo, que Kernberg (1995) considerou como meios pelos quais cada parceiro supera a sua inveja do outro género.

A formulação de Freud (1905) sobre a bissexualidade estabeleceu que o sentido precoce que a rapariga tem do seu próprio corpo é, não bissexual, mas masculino. Esta concepção de bissexualidade erradica a essência da identidade de género feminina, mas é possível acrescentar um sentido primário de feminilidade a uma matriz bissexual (Elise, 1998). Um sentido precoce de um *self*, localizado num corpo masculino ou feminino, pode coexistir com uma fantasia inconsciente de um potencial indefinido pelo género (Elise, 1998). Assim, uma matriz bissexual remete para uma matriz de género inicialmente ilimitado (Elise, 1998).

A propósito da escolha do objecto, Limentani (1975) considerou que na escolha do objecto narcísico, o investimento é feito em prol da representação do *Self* e pelo tipo de ligação que é feita a favor da representação do objecto. Assim, o autor argumentou que é impossível o bissexual separar os seus dois tipos originais de escolha do objecto, dando-se uma dissipação da

libido no *self* e no objecto que gera um sentimento de perda e de incompletude quanto ao *self* e nas relações com o outro. Nos casos observados por Limentani, este assumiu que a bissexualidade está ligada a problemas narcísicos de carácter e de personalidade graves num quadro de um Estado Limite. Por outro lado, Luquet (1975), considerou que a bissexualidade tem origem num problema de evolução da pulsão sexual que depende da relação com as duas imagos sexuadas. É essa relação que permite a identificação e a estruturação do Ego. A bipartição da imago primária permite as duas posições sexuadas e sexuais, dois tipos de identificação (Luquet, 1975). Para David (1975), a bissexualidade psíquica está inscrita numa origem pré-genital. Segundo Bégoïn & Gammil (1975), o grande obstáculo à elaboração do Complexo de Édipo genital é a colocação da bissexualidade que provém das identificações edipianas directas e inversas e do fantasma, que Klein (1932) denominou *fantasma dos progenitores combinados*. A criança pode associar as relações do objecto total (a mãe) e as relações do objecto parcial (o pénis do pai), sendo este objecto parcial percebido como pertencendo à mãe numa fantasia da cópula contínua (entre esta e o pai) (Klein, 1932). Para Klein (1932), é essencial que esta imagem dos pais combinados se cinda durante a infância para que a criança possa estabelecer uma relação objectal verdadeira/distinta com um dos seus progenitores, condição da sua identificação bissexual.

A respeito do *fantasma dos progenitores combinados*, David (1975) sugeriu a existência de uma ligação estrutural dos movimentos auto-eróticos que se associam no desenvolvimento bissexual. Considerou que no desenvolvimento do auto-erotismo existe uma clivagem entre o objecto de necessidade e o objecto de desejo sendo este último, posteriormente, clivado entre o movimento hetero-erótico e o movimento auto-erótico. A excitação de uma zona erógena pode ser obtida havendo ou não a intervenção de um objecto exterior e está ligada com a vida fantasmática inconsciente (David, 1975). Estes aspectos possibilitam o desenvolvimento do auto-erotismo no processo bissexual, antes da constituição do *self*, pois reenviam para a oposição entre passividade e actividade, entre masculino e feminino e entre homem e mulher.

A bissexualidade, na qualidade de presença conjunta de disposições psico-sexuais opostas, umas conscientes e outras inconscientes, em cada um de nós, procede de processos psíquicos (David, 1973). A subordinação da sexualidade ao conflito é decisiva. É esta subordinação que estabelece a articulação e a diferença de sexos com a bissexualidade. A sua relação apresenta-se como essencialmente dialéctica

Da mesma forma que se fala de uma sexualidade pré-genital há quem conceba uma bissexualidade pré-genital (David, 1973). A bissexualidade testemunha a interiorização da polaridade actividade-passividade e a introjecção progressiva da polaridade sexual. É graças a



estas internalizações da diferença que através do jogo se pode intervir desde logo na descoberta da sexualidade: paralela ao trabalho de maturação que prepara a integração sexual, *um processo inconsciente de bissexualização* (David, 1973). Esta está intimamente ligada à combinação das identificações e às suas vicissitudes, o Édipo fornece à teoria da bissexualidade (e ao problema da sua articulação à diferença de sexos) um meio termo onde ela pode encontrar a sua coerência (David, 1973).

David (1973) fala dos efeitos do fantasma inconsciente da androgenia: retraimento da diferença de sexos e atenuação da pulsão sexual. A bissexualidade psíquica encontra-se, aqui, em oposição funcional com a especificidade psico-sexual. Para David (1973), é na diferença que a pulsão coloca a sua energia. A bissexualidade trabalha no sentido de uma redução das diferenças sexuais e orienta-se rumo à realização de uma espécie de unissexualidade, ela constitui um factor de empobrecimento erótico, uma fonte de degeneração do masculino e do feminino, um germe de *deserotização*, *desdiferenciação*, e uma *des-sexualização* letal (David, 1973).

Golse (2000) afirmou que o bebé sabe distinguir os homens das mulheres graças à composição característica de cada um deles, a sua bissexualidade psíquica. Para o autor, a forma como os adultos tratam os bebés, depende da qualidade da integração da sua bissexualidade psíquica, isto é, das suas relações interpessoais e, consequentemente, do funcionamento dos casais parentais. Para Golse (2000), no plano fantasmático existem duas versões da bissexualidade psíquica: uma reenvia à ideia de um só/mesmo sexo para todos, e outra que remete para a existência de dois sexos em cada indivíduo, quer seja homem ou mulher. É na intimidade dos primeiros vínculos interactivos que se enraíza a masculinidade e a feminilidade, tal como o maternal e o paternal (Golse, 2000). Estudos têm mostrado que a forma como o pai brinca com o bebé é diferente da forma como a mãe o faz. É através destas interações e das interpretações generalizadas que faz que a criança constrói uma imagem do masculino e paternal diferente de uma imagem do feminino e maternal e, partindo desta base relacional, ela constrói as suas próprias componentes femininas e masculinas e, consequentemente, maternais e paternais nas suas relações ulteriores com os seus filhos (Golse, 2000). Golse (2000) afirmou que a criança descobre a diferença entre os sexos no seio das inter-relações com os seus dois pais e interiorizará a junção destes dois componentes, masculino e feminino, para tecer a estrutura da sua bissexualidade psíquica pessoal. De acordo com Bonnafé-Villechenoux (1975), o fantasma da bissexualidade é responsável pela mobilidade e instabilidade do material associativo, acrescentando este às ambivalências e clivagens arcaicas.

Os transexuais não toleram a bissexualidade. Esta surge sob o disfarce de o corpo possuir um sexo e a mente possuir outro. Desta forma, o transexual pretende por fim a esta ambiguidade.

Não se trata de um recalçamento, mas sim de uma forma de clivagem (Chiland, 2005). Chiland (2005) referiu que após a cirurgia os transexuais falam mais abertamente sobre a sua infância e começam a aceitar que ainda possuem restos do sexo que rejeitaram. De acordo com esta autora, todos possuímos alguns traços, gostos e comportamentos atribuídos, pela nossa cultura, ao sexo oposto. A maioria das pessoas adapta-se e lida com eles mas os transexuais não os toleram (Chiland, 2005). De acordo com Stoller (1982), a bissexualidade presente nos transexuais consiste no sentimento, por parte do sujeito, de que, de certa forma, pertence ao sexo oposto reconhecendo, no entanto, o seu sexo biológico.

A bissexualidade permite fazer a diferenciação do outro ainda antes do bebé conhecer a realidade sexual, uma vez que a bissexualidade se encontra na génese da dualidade e da polaridade. Deste modo, a bissexualidade articula-se com a ambivalência na medida em que as identificações com as figuras parentais são, ao mesmo tempo, conservadoras e destrutivas (David, 1975). Este processo permite a criação do sentimento de identidade sexual pela identificação com o progenitor do mesmo sexo, dando-se a introjecção de algumas características (quer somáticas, quer psíquicas) do progenitor do sexo oposto e a interiorização de formas de relacionamento com este. Deste modo, realiza-se o Complexo de Édipo (David, 1975). Assim, enquanto as disposições bissexuais estão presentes desde o início da vida do bebé, a identidade sexual e a integração das diferenças de sexos vão ocorrendo, sendo com a descoberta da dualidade sexual que se estabelece a identidade sexual e a heterossexualidade (David, 1975). Como a bissexualidade actua como mediador, permite que a realidade externa seja transposta para o imaginário interior, para o fantasmático e para o sonho. A mediação bissexual permite, então, articular o desenvolvimento da identidade sexual com o sentimento de coesão e unificação do Eu. Com base nestes aspectos, David (1975) considerou que a mediação bissexual tanto pode ter efeitos organizadores como desorganizadores na estruturação da psicosexualidade e reportou-se aos casos de transexualismo como casos de bissexualidade em que existe uma dupla identidade de género pois, referindo os trabalhos realizados, mesmo após a cirurgia de reatribuição persiste a consciência de ter pertencido ao sexo masculino, o que revela a bissexualidade psíquica de forma dolorosa e conflitual.

### 3. Formulação do problema

Mediante as várias perspectivas que foram apresentadas sobre a constituição da identidade de género e sua perturbação, surgem várias linhas de reflexão que poderão conduzir a uma melhor compreensão da questão do transexualismo.

Um dos aspectos anteriormente referidos como estando relacionado com a perturbação da identidade de género é a ansiedade de separação. Uma vez que a diferenciação do outro implica uma diferenciação sexual, poderá existir um desejo de fusão com a figura materna no caso do transexual, que surge como um movimento defensivo e de protecção contra essa diferenciação. O sujeito persistirá num estado de indiferenciação em que o *ter* equivale ao *ser*. Assim, procurar-se-á verificar se o transexualismo não poderá estar ligado a tendências megalómanas ou narcísicas, na medida em que pode remeter para uma tendência regressiva emergente do desejo de possuir os poderes de ambos os sexos. No transexual F-M, podemos hipotetizar que numa relação demasiado simbiótica com uma mãe masculina, num meio em que o feminino é desvalorizado, a bissexualidade psíquica trabalha no sentido de uma clivagem entre os opostos, mas não no sentido da sua reunião, posicionando-se a criança num desses registos e desprezando o outro.

Das várias teorias apresentadas sobre a constituição da identidade de género, merecem destaque as concepções de David sobre a bissexualidade psíquica e sobre a sua função mediadora. A ideia da subordinação ao conflito enquanto condição essencial para que a bissexualidade permita a articulação da diferença de sexos pode ser relacionada com a perspectiva que Stoller (1982) apresentou, de acordo com a qual o estabelecimento do *núcleo da identidade de género* na criança com perturbação da identidade de género é um processo conflitual. Assim, podemos colocar a seguinte questão: Será que no transexual F-M, a ausência de conflito (por ausência física ou psicológica de uma figura materna) pode comprometer a função mediadora da bissexualidade psíquica impedindo a identificação com figura parental do mesmo sexo do bebé? Ou será que uma menina que sempre permaneceu num estado fusional com a mãe, assumindo o papel de um falo que esta sempre desejou ter, não conhece a feminilidade pois esta não é valorizada? Se assim for, a bissexualidade não suscita nem integração nem conflito. Será que no transexual a bissexualidade não assume função mediadora porque não existem conteúdos entre os quais possa mediar? Se, de facto, o conflito não é despoletado, o sujeito transexual fica aquém da genitalidade sendo de esperar a presença de mecanismos de ordem primitiva no protocolo Rorschach. Estas hipóteses conduzem-nos à questão da simbolização. Sendo a bissexualidade uma forma de transacção entre o mundo real e imaginário, podemos supor que o sujeito

transexual não consegue concretizar essa transacção por ausência de integração de figuras sexuais opostas, ou seja, não consegue simbolizar ambos os sexos. Assim, talvez a apropriação de caracteres sexuais (neste caso, o pénis) consista numa forma de possuir o objecto desejado, ainda que no plano concreto. Surge, então, a seguinte questão: qual será a forma de representação do masculino e do feminino na mente do sujeito transexual?

No âmbito das considerações sobre a bissexualidade psíquica surge a concepção de Meltzer (1988) sobre o conceito de ambissexualidade. Pegando neste conceito podemos colocar os seguintes problemas: De que forma é que o sujeito transexual lida com a ambiguidade (os opostos: masculino-feminino, homem-mulher, passivo-activo, destruição-conservação)? Será esta ambiguidade tão insuportável para o sujeito que origina um mecanismo de clivagem que impede a integração dos opostos?

Ainda a propósito do processo de identificação bissexual há que referir a importância do *fantasma dos progenitores combinados*. No presente estudo podemos questionar-nos se o transexual terá tido dificuldades em fazer a cisão desta imagem dos pais combinados, o que impossibilitou o estabelecimento de uma relação objectal com eles? Por outro lado, podemos questionar se o sujeito transexual, ao fazer esta cisão, não consegue voltar a integrar de modo uno os opostos masculino e feminino. Se isto, de facto, sucedesse, levaria a que ele introjectasse apenas um modelo de identificação do sexo oposto, desprezando o outro e as formas de relacionamento com ele.

Tendo em conta que o Rorschach é um método que permite aceder ao simbólico, procurar-se-á responder às questões aqui levantadas e às hipóteses colocadas através da análise das respostas obtidas num protocolo. Esta análise incidirá sobre o protocolo de um transexual F-M, dado ser apresentada pouca investigação sobre este tipo de caso, havendo várias hipóteses sobre a situação inversa, o que a torna uma questão delicada e que necessita de aprofundamento.

## 4. Método

### 4.1. Delineamento do estudo

O método escolhido para realizar o presente trabalho foi o Estudo de Caso. Este método possibilita um entendimento mais profundo sobre um dado fenómeno que se pretende estudar e constitui uma boa forma de recolher informação com vista ao desenvolvimento de novas teorias, uma vez que prima pelo estudo individual (Stake, 1994). De acordo com Stake (1994) o estudo de caso *não é uma escolha metodológica mas sim uma escolha de objecto de estudo* (p. 236). O estudo de caso é, simultaneamente, um processo de aprendizagem sobre o caso e um produto dessa aprendizagem (Stake, 1994). Para Rodrigo (2008), o estudo de caso é um método que permite o estudo aprofundado de um objecto. Este método, tem como objectivo o conhecimento do objecto, do seu *como* e dos seus *porquês* (Rodrigo, 2008).

Os estudos qualitativos valem-se apenas de medidas qualitativas para a obtenção de informação (Trochim, 2001). Ao permitir a interacção com o sujeito, o estudo qualitativo possibilita a compreensão sobre a forma como esse sujeito interpreta e experiênciia os acontecimentos (Kran & Putnam, 2003).

O estudo de caso tem como objectivo a descoberta de novos elementos, procurando novas respostas, mediante as quais vão surgindo novas questões. Este tipo de estudos podem ser mais exploratórios, visando obter informação preliminar sobre um determinado objecto; podem ser, sobretudo, descritivos, objectivando a descrição do caso em estudo; ou podem ser analíticos, pretendendo problematizar o objecto, desenvolver uma nova teoria e/ou confrontá-la com outra já existente (Rodrigo, 2008). São estes últimos que mais contribuições prestam para o avanço do conhecimento. Para a elaboração do estudo de caso é essencial a realização de uma revisão teórica bem fundamentada que permita a formulação de problemas, bem como a utilização dos instrumentos necessários à obtenção de informação. Deste modo, para Rodrigo (2008), é necessária *uma teoria para orientar a investigação* (p. 4).

Algumas limitações do estudo de caso, referidas por Rodrigo (2008), são: a falta de rigor; a influência do investigador; o fornecimento de poucas bases para a generalização; a sua extensão e o tempo que requerem para serem concluídos.

De acordo com Marques (2001), o estudo de caso é, para a Psicologia Clínica, uma forma de passar do conhecimento/fenómeno ao facto, tornando possível a elaboração de um *saber total* sobre o objecto de estudo, isto é, sobre o sujeito psicológico que integra as noções de individual e de singular.

O estudo de caso é o método ideal para a realização do presente trabalho, dado que se pretende obter informação sobre um indivíduo com o intuito de aprofundar o conhecimento existente sobre perturbação da identidade de género e, ao mesmo tempo, explorar uma situação pouco documentada (que é o transexualismo feminino). O objectivo é constituir a bissexualidade psíquica como critério para a compreensão da génese do transexualismo.

Assim, a narrativa do Rorschach torna-se um meio rico em informação que permite obter respostas e lançar novas questões sobre o tema. Permite aceder ao sujeito psicológico, ao indivíduo, e à forma como se processa o trabalho de formação/transformação/criação entre o interno e o externo. Por estes motivos, o Rorschach constitui um instrumento poderoso na recolha de informação para o estudo do caso em questão.

#### 4.2. Participante

O participante no estudo é um transexual F-M (portanto, uma mulher transexual), tem 19 anos e possui um curso de informática que lhe conferiu equivalência ao 12º ano de escolaridade. Realizou um estágio de um ano. Actualmente trabalha para uma empresa de telecomunicações como técnico de instalação. Nos últimos dois anos viveu com dois colegas num apartamento longe da casa dos seus pais (que via aos fins de semana). Actualmente, reside em casa dos pais.

O participante refere ter começado a notar o desejo de pertencer ao sexo masculino por volta dos 4 anos de idade e recorda-se de se ajoelhar ao pé da cama pedindo a Deus para ser um menino. Refere sempre se ter sentido atraído por raparigas e recorda-se de chorar quando era obrigado a vestir saias. O sujeito refere ainda que a sua mãe apenas o *obrigou a ter o cabelo comprido*. Sempre brincou com rapazes e conta que nunca deixava que a sua mãe visse o seu corpo, situação que lhe causava imensa *aflição*. Considera que a sua mãe sempre reagiu melhor que o pai ao seu desejo de reatribuição sexual.

O sujeito tem uma irmã com 16 anos, a qual refere que *há seis meses começou, também, a querer mudar se sexo*. No entanto, esta teve brincadeiras tipicamente femininas no passado (brincava com bonecas, maquilhava-se, etc.). Actualmente, a sua irmã namora com uma rapariga e veste-se como um rapaz. O sujeito considera que a sua irmã sempre escondeu a sua condição por receio da reacção dos pais.

O participante iniciou o processo de reatribuição sexual com 15 anos. Há dois anos começou a fase de tratamento hormonal. A sua aparência física é masculina havendo uma completa diluição das características femininas. A sua postura é muito masculina, tal como a

linguagem gestual. A realização da cirurgia já foi autorizada pela Ordem dos Médicos aguardando o sujeito, bastante ansioso, pela sua concretização.

#### 4.3. Instrumento

O instrumento utilizado no presente estudo foi o Teste Projectivo de Rorschach. O teste Projectivo de Rorschach, da autoria de Hermann Rorschach, foi criado em 1920 (Chabert, 1998). Este é constituído, actualmente, por dez pranchas com manchas de tinta. Foi criado, no seio da psiquiatria e da fenomenologia, como instrumento de diagnóstico e baseando-se na relação entre a percepção e a personalidade normal e patológica. O autor do método não estabeleceu uma grelha interpretativa nem lhe forneceu uma teoria. Assim, o Rorschach encontrou as suas características e fundamentos teóricos nas sistematizações que surgiram posteriormente (Marques, 2001). Duas fontes de elementos contribuíram para o seu enriquecimento: os elementos que advinham de sistematizações e dos dados empiristas e os elementos que provenientes da teoria psicanalítica. Deste modo, o Rorschach vem evoluindo quer de acordo com as lógicas de teste e de medida, quer de acordo com a sustentação no modelo psicanalítico.

O Rorschach é um instrumento projectivo que permite aceder mais facilmente aos processos dinâmicos de funcionamento mental. Permite integrar as concepções de *posição* e de *processo de desenvolvimento* e as concepções relativas a mudanças, transformações e crescimento. Possibilita, não apenas a análise do conflito e da fantasia como, também, a formação do símbolo e do pensamento (Marques, 2001). O Rorschach é um instrumento de observação dotado de *qualidades psíquicas* que despoletam uma acção e reacção no sujeito, num espaço-tempo situacional e relacional específico (Marques, 2001). O material que emerge nesse momento será, posteriormente, analisado mediante os modelos teóricos e conceitos utilizados. A apresentação das manchas de tinta apela à percepção e à ideia, pois este material possui características precisas perante as quais o objectivo é fazer o sujeito interpretar livremente essas imagens através da instrução *O que é que isto poderia ser?* A percepção põe em acção um processo que conjuga sensação, memória e associação e, havendo identificação de um conjunto de sensações com as suas conexões, surge a ideia (Marques, 2001). Assim, o reconhecimento e interpretação do objecto (manchas) implica um processo de *associação integrativa de engramas* com recurso aos quadros de sensações que o sujeito possui. Partindo das sensações, organizam-se imagens e chega-se à ideia e, sustentado na experiência, atribui-se-lhes um sentido fundamentado na associação com os quadros de sensações (Marques, 2001). Desta forma, a percepção aparece

ligada à noção de *interpretação*, pois um processo pelo qual o sujeito dá a resposta acarreta a intervenção de mecanismos psicológicos (Marques, 2001).

Os cartões do Rorschach constituem um elemento de *realidade exterior* dotado de características psíquicas. É um objecto que deve ser investido, identificado e nomeado como *algo de outro*. As características das manchas são ambíguas quanto ao significado. Esses cartões podem ser agrupados em cores: os negros e cinzentos, de ordem depressiva; os vermelhos, de ordem pulsional; e os pastel, da ordem dos afectos positivos (Chabert, 1998).

O Rorschach compreende três termos: o sujeito, o clínico e o teste. Este último é o mediador entre o sujeito (que se exprime) e o clínico (que escuta). O estímulo Rorschach é, simultaneamente, um *objecto real* e um *objecto potencial*. Enquanto *objecto real*, o Rorschach suscita a emergência da palavra que remete para imagens articuladas em função de uma realidade material. Como o Rorschach não possui configurações concretas, assume uma dimensão de *objecto potencial* possibilitando uma elaboração da percepção fundamentada nas preocupações essenciais do sujeito, dos seus fantasmas e afectos, dos modos como organiza a sua relação com os objectos que se subentendem a partir das palavras que vai dar (Chabert, 1998). Sintetizando, o indivíduo é convidado a exprimir a sua realidade interna em relação à realidade externa (os cartões). Assim, esta autora considerou que a análise do instrumento deve ser realizada em dois eixos: um constituído pela representação de si e o outro constituído pela representação do outro. A representação de si remete para questões identitárias e de identificação mediada pela capacidade de diferenciação sujeito/objecto. A representação do outro dá conta das relações, estando relacionada com os conflitos e os níveis de desenvolvimento libidinal. Alguns cartões reenviam para a problemática identitária e da diferenciação sexual, enquanto outros reenviam para as imagens parentais.



## 5. Procedimentos de análise

Relativamente aos problemas levantados neste trabalho procurou-se estabelecer procedimentos que permitissem analisar a manifestação da bissexualidade psíquica no espaço psíquico do sujeito transexual (neste caso, F-M). Tendo em conta as considerações de Marques (2001) sobre a questão da complementaridade, é possível verificar a capacidade do sujeito para aceitar a alteridade através da análise das representações em torno de um eixo. Esta análise, permite-nos perceber a facilidade com que o sujeito consegue integrar a diferença, isto é, os opostos.

Desta forma, constituir-se-á uma grelha de análise tendo em conta os procedimentos Rorschach: os Modos de Apreensão, os Determinantes, e os Conteúdos. Seguidamente, será feita a apresentação dos procedimentos Rorschach.

O *modo de apreensão* remete para a localização ou, como Chabert (1998) refere, *para o quadro perceptivo no qual se molda o conteúdo da resposta* (p.95). O *modo de apreensão* permite observar a forma como o sujeito estabelece a sua identidade e como relaciona a imagem que tem de si com o mundo exterior. Os *modos de apreensão* que surgem no Rorschach são: *apreensão em G*, *apreensão em D*, *apreensão em Dd*, *apreensão em Dbl* (*Ddbl*) ou *Gbl*.

A *apreensão em G* reporta-se à mancha inteira remetendo para um todo, um corpo unificado a partir de um eixo mediano em torno do qual se operou uma construção simétrica. Assim, este *modo de apreensão* dá conta das qualidades de diferenciação e integração na relação entre o corpo e a mente pois cada cartão engloba elementos masculinos e femininos (Marques, 2001). Para Marques (2001), a identidade é formada em torno do eixo masculino-feminino que se reconstrói sucessivamente mercê da integração do casal parental combinado. Este processo termina com a integração da bissexualidade, isto é, da diferença de sexos e de gerações. Tendo em conta o objectivo deste trabalho, pode-se supor que respostas em G remetem para uma capacidade do sujeito integrar os opostos, isto é, reconhecer a diferença de sexos e integrar a complementaridade. A constituição mais fechada ou mais aberta (bilateral) da mancha induz a impressão de um corpo único, separado e delimitado que suscita o sentimento de existir a partir do qual é possível pensar uma vivência relacional. Analisando os *modos de apreensão* poderíamos perceber como se manifesta a bissexualidade psíquica no sujeito transexual.

Os G podem ser simples, vagos ou impressionistas e podem surgir associados a boas ou a más formas. A presença de G associados a más formas no protocolo do transexual pode reenviar para uma dificuldade de integração das diversas partes da mancha, o que pode surgir relacionado com o desejo de reatribuição sexual destes sujeitos. De facto, ao desejarem essa reatribuição, eles

rejeitam partes do seu corpo idealizando outras, o que poderá conduzir a esta dificuldade de integração no Rorschach. Uma quantidade reduzida de G simples no protocolo do transexual poderá remeter para uma dificuldade de delimitação, isto é, para um envelope frágil que dá conta de dificuldades de comunicação interior/exterior. Quando os G surgem associados a más formas (F-) poderão, neste caso, prender-se com dificuldades de integração dos aspectos masculinos e femininos da mancha o que reenvia para a dificuldade de identificação do sujeito e para a ausência de capacidade mediadora da bissexualidade psíquica. Os Gbl ou Dbl remetem para as lacunas intra ou extramaculares da mancha. A referência a estes espaços vazios dá conta da temática da incompletude.

A apreensão em D remete para uma localização parcial do cartão que é frequentemente referida pela população (Chabert, 1998). Este tipo de apreensão reflecte a forma como o sujeito se integra no mundo real e é uma forma de defesa face à emergência de fantasmas pela discriminação de determinados aspectos dessa realidade. A referência a apenas uma parte da mancha, ainda que associada a uma boa forma, pode remeter para uma forma de evitar outras partes do engrama, no caso do transexual, as partes femininas ou masculinas. No transexual há a idealização de um sexo e a desvalorização e destruição do outro, o que impede a transformação e integração do oposto.

Os Dd são localizações mais raramente percebidas pela população (Chabert, 1998). A nível do simbolismo, a presença de Dd poderá reenviar para a procura identitária, resultante de uma falha. No âmbito do presente estudo, a sua análise revela-se importante pois encontram-se relacionados com falhas identitárias podendo, mesmo, estar associados a más formas, o que reflectirá o evitamento e a clivagem (que é um dos mecanismos que se pressupõe estar presente).

No que diz respeito aos determinantes, estes reportam-se às qualidades perceptivas que determinaram a resposta (Chabert, 1998) e são vários, agrupando-se em três categorias: determinantes formais, determinantes cinestésicos e determinantes sensoriais.

O determinante formal remete para a configuração da mancha e consiste em interpretar uma mancha sem que haja implicações emocionais ou fantasmáticas (Chabert, 1998). A qualidade do determinante formal pode ser avaliada em: F+ (boa forma); F- (má forma); e F+/- cujos contornos são vagos não permitindo avaliar a sua adequação. Uma vez que todos os cartões possuem aspectos femininos e masculinos permitindo a integração bissexual é importante verificar no protocolo do transexual (como em qualquer outro) a qualidade das formas, sendo de esperar que haja um baixo número de respostas com boa qualidade formal pois estas remetem para a capacidade de integração da bissexualidade no espaço psíquico do sujeito que, como se supôs na formulação do problema, não existe no transexual. Se o número de más formas for

elevado, pode remeter para um envelope frágil, isto é, para uma fragilidade corporal. Mas esta fragilidade pode surgir quer pela presença de um número elevado de más formas quer pela presença de um número muito elevado de F+, em que o sujeito insiste nas delimitações dando conta de uma preocupação assente no corpo. Quando o F+/- surge associado ao G, poderá reenviar, no sujeito transexual, para uma rejeição de uma parte do corpo (que torna a imagem indefinida) dado não existir integração entre os elementos masculinos e femininos suscitados pelo cartão.

Os determinantes cinestésicos englobam as cinestésias humanas (K) e as cinestésias menores (kp, kan e kob).

As cinestésias são analisadas quanto à sua forma, ao seu conteúdo e à sua implicação projectiva (Chabert, 1998). Neste âmbito, a análise das cinestésias é importante pois pode revelar a presença de mecanismos de identificação projectiva, o que é pertinente para o estudo deste tema. A resposta K implica uma identificação a uma imagem humana inteira estando ligada à questão da identidade. Este aspecto encontra-se relacionado com a bissexualidade psíquica pois a referência desta cinestesia remete para a capacidade de integração do sujeito no que diz respeito à sua identidade, dando conta da sua capacidade de se perceber como ser uno e de integrar a diferença, o outro e o outro sexo. A análise da cinestesia é importante neste trabalho pois permite perceber como é que o sujeito se representa nas relações com o outro sexo, fornecendo respostas para o problema formulado. Esta relação pode ser observada pela análise da atribuição de traços femininos ou masculinos dos cartões, pois isto vai indicar o modo de identificação sexuada do sujeito com os engramas presentes no cartão dando conta da capacidade de mediação bissexual no caso transexual. Assim, neste sujeito, haverá, à partida, identificação com as características sexuais do sexo oposto. No protocolo de um sujeito transexual, a ausência de cinestésias poderá remeter para dificuldades de simbolização, o que está associado à perda do objecto (por não conseguir a sua simbolização, dado o insucesso da capacidade mediadora da bissexualidade psíquica que impede o sujeito de integrar o objecto diferente dentro de si). As pequenas cinestésias (kp) poderão surgir no protocolo em estudo como uma forma de transformação de partes do corpo que o sujeito não tolera, encontrando-se relacionadas com o desejo de reatribuição sexual. Quanto aos kan, poderão surgir como uma forma de interpretar as figuras projectando aspectos do seu mundo interior sem se sentir ameaçado por questões identitárias ou de identificação sexual, uma vez que estas cinestésias remetem para o imaginário e para a infância. Os kob (cinestésias de objecto) podem dar conta de uma carga agressiva muito intensa contida no interior do sujeito. É pertinente verificar a presença destas cinestésias no protocolo do sujeito em estudo e perceber se estas reflectem uma projecção de agressividade sobre a figura feminina.

Quanto aos determinantes sensoriais, estes podem ser classificados em cor (C'; C'; FC; CF; FC' ou C'F) ou esbatimento (E; FE; EF). As respostas cor revelam sensibilidade sensorial por parte do sujeito. A intensidade desta sensibilidade resulta das características do sujeito, do tipo de cor (mais ou menos excitante) e do engrama (Chabert, 1998). As respostas FC podem remeter para a percepção figura fundo, o que dá conta da qualidade dos limites estabelecidos entre o interior e o exterior e da oscilação entre estes e entre união e separação, entre confusão e diferenciação, revelando-se o seu estudo importante para o tema da bissexualidade psíquica. Assim, o sujeito tanto pode conseguir fazer esta oscilação, e consequente integração, como pode ter dificuldades na elaboração dos afectos suscitados pela cor. Perante esta angústia o sujeito vai procurar exercer controlo afectivo através do procedimento FC, isto é, limitando (com contornos) a cor, conferindo-lhe uma forma. As respostas esbatimento consistem na referência aos tons esbatidos da mancha (quando esta possui várias nuances). Também existem batimentos de textura (remete para a sensibilidade táctil) ou de difusão, reenviando, neste caso, para falhas identitárias sendo provável que estejam presentes no protocolo em estudo.

No que diz respeito ao conteúdo, este é a categoria a que corresponde a resposta e podem ser diversos. As respostas H (conteúdo humano) implicam a identificação com uma imagem humana (Chabert, 1998). A análise deste conteúdo pode fornecer dados interessantes para os problemas levantados, uma vez que permite perceber até que ponto o sujeito transexual consegue integrar as ambiguidades suscitadas pelo estímulo Rorschach, pois este implica a capacidade para reconhecer o corpo humano como íntegro e pertencente a um sexo. Os conteúdos animais (A) dão conta das capacidades adaptativas e socializantes do sujeito. Chabert (1998) referiu que uma percentagem elevada de A pode reenviar para dificuldades de contacto com o outro o que é importante averiguar no âmbito do presente estudo, pois pode fornecer informações sobre a capacidade de integração do masculino e do feminino na medida em que apela à relação com o outro. Os restantes conteúdos surgem com frequência e alguns deles podem reenviar para temáticas mais agressivas (e.g.: sangue e sexo) ou mais regressivas (e.g.: botânica), mas devem sempre ser analisados tendo em conta o contexto. Os conteúdos Hd, anatomias e sangue reenviam para a angústia corporal e estão relacionados com a fragilidade do envelope psíquico. O Hd, quando elevado, pode remeter para uma representação fragmentada, isto é, para a desintegração corporal.

## 6. Análise do protocolo

### 6.1. Análise cartão a cartão

O sujeito apresenta-se muito cooperante durante a administração do instrumento Rorschach tendo fornecido um protocolo rico e com um elevado número de respostas (R=43) (ver Anexo I).

Face ao primeiro cartão o tempo de latência é curto (10'). O sujeito dá muitas respostas mas apenas numa delas consegue reportar-se à totalidade da mancha, remetendo as restantes respostas para percepções parciais, em D, Dd, Dbl e Ddbl, facto importante num cartão que, pela sua configuração fechada, suscita a abordagem global, isto é, induz a impressão de um corpo uno e delimitado. Uma vez que, neste cartão, apenas uma resposta foi dada em G, podemos pressupor que o sujeito possui uma fraca capacidade de integração dos opostos (das diferenças de géneros e de gerações). O comentário objectivo pode reflectir a reactividade do sujeito face a estímulo, sugerindo angústia face ao mesmo.

A resposta *um corpo* revela que os elementos sexuais tornam-se inquietantes para o sujeito que é incapaz de os integrar, não definindo se o corpo é de homem ou de mulher. Mercê do desconforto provocado por um estímulo com características sexuais de ambos os sexos, o sujeito parte para a procura identitária refugiando-se no pormenor Dd com a resposta *dois anjos*, que reenvia para o irreal. Este surge associado a uma má forma, o que dá conta do evitamento por parte do sujeito e da sua fraca capacidade de controlo formal.

Face à angústia provocada pelo estímulo, o sujeito dá uma resposta parcial (em D) desprezando os aspectos femininos do cartão e reportando-se ao masculino como a sua forma de identificação, através da resposta *dois homens*. No entanto, esta forma de identificação parece falhar, uma vez que o sujeito evidencia dificuldades de integração das formas de relação com o outro, o que é notório na mesma resposta *um para cada lado*. Ainda nesta resposta, o sujeito parece apelar ao carácter simétrico do cartão como forma de evitar a diferença, pois não existe carácter relacional nesta imagem. Esta resposta poderá reenviar para a confusão entre o dentro e o fora remetendo para a fragilidade do envelope psíquico do sujeito.

Perante o fracasso da tentativa de fuga, surgem os temas de perseguição na resposta seguinte (*olhos de alguma coisa*) que é dada em Ddbl, que surge associado a um Hd. Este procedimento dá conta da emergência do processo primário operando-se um movimento regressivo que remete para a desintegração corporal, para a ausência de unificação e para a incompletude.

Novamente, o sujeito procura controlar-se face às solicitações do estímulo com a resposta em D, *cabeça de um tigre*, sendo, desta vez, o conteúdo animal. Assim, apesar de o sujeito procurar ignorar aspectos angustiantes da mancha, apenas o consegue fazer atribuindo-lhe características não humanas, masculinas (*um tigre*) e parciais. A associação a um F- dá conta do fracasso desta tentativa de controlo que remete, de novo, para a fraca qualidade do controlo formal. Ao mesmo tempo, faz referência a um animal de carácter agressivo e destrutivo o que remete para a vivência da angústia de destruição. Nesta resposta, poderá transparecer a fragilidade do envelope psíquico do sujeito (isto é, do seu corpo).

A observação de simetria (*Tá dividido ao meio, exactamente igual*) poderá remeter para a confusão entre o dentro e o fora, na medida em que o sujeito profere o comentário de forma a evitar a colocação de dois seres diferentes em relação, pois a diferença é algo que não tolera. Face a este conflito, o sujeito faz um comentário mais objectivo centrando-se na simetria, negando essa diferença. Além deste aspecto, a predominância de determinantes formais traduz um investimento nos contornos, uma procura de delimitação dos objectos, remetendo, também, para a fragilidade do envelope psíquico e consequente confusão entre o dentro e o fora.

Os esforços para lidar com a angústia são mal sucedidos e continua o registo em Ddbl (*mais outros olhos*), que dá conta da emergência do processo primário e tem carácter persecutório e parcial/fragmentado. De novo, o controlo formal é medíocre e está presente a temática da incompletude e a ideia de o sujeito ser dominado por uma intensa angústia interior e ameaça de desintegração. Segue-se a resposta *pinguitos* que, para além de ser parcial, tem um carácter formal vago. Assim, o sujeito manifesta a sua dificuldade em estabelecer a comunicação entre o dentro e o fora, continente e conteúdo, pois o seu envelope não é suficientemente delimitado para elaborar essa distinção levando à confusão entre ambos.

Mais uma tentativa de integração é efectuada através da resposta *uma cena mais voadora*, surgindo o G associado a uma forma vaga o que dá conta de uma defesa face a um aspecto sentido como ameaçador para o sujeito. Desta forma, este G não pode ser encarado como uma capacidade de integração dos opostos complementares, mas sim como uma dificuldade e angústia face a esta sugestão de integração suscitada pelo estímulo (é como se houvesse a rejeição de uma parte corporal e a idealização de outra parte, aquela que ambiciona, não conseguido integrar os diversos aspectos do estímulo). Mais uma vez, está presente a confusão entre o dentro e o fora.

O comentário seguinte (*Há cores? É que, para mim, isto é negríssimo. Não me dá uma imagem positiva (...) parece um anjo e depois, de repente, coisas bué más*) remete, não só para a excitabilidade do sujeito face ao estímulo como, também, para a clivagem, pois este torna-se impossível de suportar. Há uma extrema reactividade do sujeito face ao estímulo.

Após a tentativa de integração, o sujeito volta a decompor o estímulo com a última resposta, *umas asas de um dragão* em Dd. Ao mesmo tempo que esta resposta apela para a desintegração corporal, reenvia para o mundo irreal reflectindo, novamente, a emergência do processo primário e dando conta do fraco controlo formal.

Há, portanto, uma dificuldade em colocar em relação os diferentes elementos que compõem o estímulo. Em todas as respostas parciais, o conteúdo é humano, sendo em algumas delas Hd, reenviando para falhas identitárias e dificuldades de integração. A única referência sexual que o sujeito faz é masculina (*dois homens, um para cada lado*), pois é a única forma de identificação que consegue tolerar. Tudo o resto lhe causa angústia e o sujeito lida com ela através da delimitação formal do estímulo, havendo predominância de determinantes formais com má qualidade ou vagos. A angústia de fragmentação e os temas de perseguição parecem estar presentes nas suas respostas.

Apesar de nunca ser longo, o tempo de latência reduz na passagem para o cartão II (2<sup>o</sup>) havendo, ainda, uma diminuição significativa do número de respostas. Aqui, a observação cor (*Ab! Aqui já tem cor*) acompanhada da manipulação constante do cartão dão conta da extrema excitabilidade face ao estímulo reflectindo a ansiedade do sujeito.

Na primeira resposta, *umas mãos unidas*, o estímulo é percebido de forma parcial onde o conteúdo Hd reenvia para dificuldades de integração da identidade. A presença do kp poderá remeter para a transformação de partes do corpo que o sujeito não tolera, encontrando-se relacionado com o desejo de retribuição sexual. Esta resposta reenvia, também, para a necessidade de suporte e de contenção das pulsões agressivas suscitadas pelo estímulo. Por outro lado, a presença de kp em vez de K poderá remeter para a incapacidade de o sujeito se perceber como um ser uno e para a ausência de uma identidade onde os aspectos masculinos e femininos coexistem e se integram. O sujeito ignora os aspectos sexuais e agressivos da mancha cingindo-se às *mãos unidas*. Esta resposta é indicadora de desdobramento, isto é, da procura de um outro simétrico, na tentativa de manter a unicidade havendo uma recusa do conflito emergente; logo, a cinestesia perde o seu valor relacional. Assim, parece haver dificuldade em representar as relações com o outro, com o diferente, levando a uma tentativa de eliminação dessa diferença. O sujeito não é capaz de fazer uma apreensão global dos diferentes elementos que constituem o estímulo. Em vez disso, o Hd reenvia para a falha identitária.

A referência a um vermelho carregado de solicitações sexuais é posta de lado e tomam lugar representações agressivas seguidas de uma angústia que se reflecte através do riso (*pulmões de um fumador* (ri)). Há emergência dos afectos depressivos nesta resposta (pela presença de FC<sup>o</sup>). O sujeito opera uma inversão figura-fundo e instala-se a confusão entre o dentro e o fora. Face à

difficuldade em lidar com os afectos suscitados, devido à fraca capacidade de diferenciação (e de integração) o sujeito fornece limites à cor conferindo-lhes uma forma. No entanto, esta forma assume um carácter potencialmente destrutivo, pois trata-se de uma anatomia que é, ainda, percebida como maltratada (pois os pulmões têm fumo). Neste cartão, este aspecto pode remeter para uma má qualidade das relações precoces e para a angústia corporal, encontrando-se o sujeito constantemente ameaçado pela desintegração.

São notórios o choque e a angústia que este cartão provoca no sujeito e que se manifestam, também pela observação cor (*Epá isto mete bué impressão. Vermelho chapado no branco. Faz-me pensar coisas negativas*) e das sucessivas manipulações do cartão, pois o sujeito não consegue fazer a leitura deste na sua posição original. Estes comentários remetem para a grande reactividade e excitabilidade do sujeito face ao estímulo e reflectem o seu desconforto e fracasso na tentativa de controlo quando confrontado com as cores vermelho e branco, isto é, com as pulsões sexuais e agressivas, as quais não consegue tolerar pois o seu sentido de identidade é tão frágil que as pulsões agressivas se tornam muito ameaçadoras para a sua integridade, tal como as pulsões sexuais são inconcebíveis denotando as falhas da mediação bissexual.

Mais uma vez, está presente o Dbl, dando conta da emergência da carência na relação primária, do vazio interior.

O conteúdo *árvore* reflecte um movimento regressivo, transparecendo a dificuldade do sujeito contornar a angústia suscitada pelo cartão. Por outro lado, o F- sugere, mais uma vez, a fraca rigorosidade do controlo formal e da aproximação a uma realidade socializada. Face à emergência das pulsões sexuais o sujeito não consegue integrá-las de forma positiva pois a apreensão continua a ser particular. A presença da temática da incompletude e da ameaça constante de desintegração que o sujeito parece sofrer é reforçada pela necessidade de suporte que o sujeito deixa transparecer logo na primeira resposta (*mãos*), sem o qual o sujeito cai no vazio.

No cartão III, há identificação de figuras humanas inteiras (*duas pessoas*) e a componente relacional parece estar presente. À partida, esta resposta poderia sugerir que o sujeito tem capacidade para se perceber como ser uno e para integrar a diferença, o outro e o outro sexo. No entanto, há que notar que a identificação sexual das figuras humanas permanece incógnita. Não obstante, esta percepção é feita em D e não em G, permanecendo aspectos do cartão por integrar, o que nos levanta dúvidas acerca da genuinidade desta capacidade de integração dos diferentes elementos, pois não surge nenhum G neste cartão.

A resposta *borboleta no meio*, sendo uma banalidade, poderá surgir como forma de integrar as pulsões negativas suscitadas pelas cores do estímulo. Esta resposta surge quase como uma



forma de separação entre as duas figuras humanas percebidas anteriormente que pareciam ter sido colocadas em relação. Esse distanciamento é conseguido pela expressão *no meio*. As duas primeiras respostas remetem para banalidades, constituindo uma tentativa de integração e organização por parte do sujeito que se serve de imagens partilhadas por um colectivo e por uma realidade exterior para conseguir alcançar alguma integridade face às dolorosas solicitações que foram suscitadas pelo cartão anterior.

Seguidamente, o sujeito deixa transparecer a sua sensibilidade ao carácter negativo da mancha através da observação cor (*Mas isto só me trás negatividade. Este preto e vermelho. Não coisas boas*). A regularidade com que o sujeito profere comentários sobre a cor dos cartões poderá remeter para a labilidade emocional e para a dificuldade em controlar as emoções deixando transparecer a ansiedade que surge quando confrontado com a emergência dos afectos depressivos. Mais uma vez, está presente a clivagem pois o sujeito tanto dá a resposta *borboleta* para o vermelho como, logo de seguida, o associa a coisas negativas.

A interpretação do cartão termina com a resposta *unidos (...) com raízes* que, além de ser uma resposta de cariz regressivo pela presença do conteúdo botânico, possui um carácter vago (F+/-) remetendo para uma tentativa de exclusão dos aspectos sentidos como ameaçadores, os aspectos sexuais. Além disso, o carácter vago da forma remete, como já foi referido, para a confusão dentro/fora e para a fragilidade do envelope psíquico do sujeito.

À semelhança do que aconteceu no cartão anterior, parece haver um desdobramento. Isto acontece porque o sujeito, após ter dado uma cinestesia humana refere existir uma união entre essas duas personagens. Este facto permite-nos excluir a qualidade relacional desta cinestesia, indicando, o desdobramento, uma tentativa de manter a unicidade e de excluir o conflito suscitado pelo engrama, ou seja, abster-se da expressão da representação de si, da representação de si face ao outro e da descoberta de um outro que é diferente, como se os dois formassem um só. Por outro lado, o conteúdo *raízes* parece reflectir uma procura de suporte e estabilidade, uma tentativa de definir uma base na ausência de um envelope delimitado e coeso. A referência às duas figuras como *unidos* poderá remeter para a classificação das mesmas como pertencendo ao sexo masculino que o sujeito ambiciona.

O cartão IV tem um grande impacto emocional no sujeito. A primeira resposta do sujeito é imediata e transparece ansiedade face ao estímulo (*esquilo espalmado, acabado de ser pisado*). Apesar de ser uma resposta global, o G encontra-se associado a uma má forma o que poderá reenviar, mais uma vez, para a dificuldade de integração dos diversos aspectos da mancha. Não obstante, o conteúdo, animal, é percebido como lesado/destruído o que sugere uma representação de si não integrada e um envelope psíquico frágil. Sendo a entrada na expressão directa, podemos

assumir que existe uma forte identificação com os elementos do cartão, isto é, com o fálico. Assim, apesar de a resposta *esquilo* remeter para uma identificação de um elemento masculino, consistindo numa tentativa de identificação sexual, esta falha, pois o corpo é percebido como estragado/destruído. Logo de seguida o sujeito faz a negação desta percepção o que constitui uma forma de defesa face à angústia de aniquilação.

Seguidamente, o sujeito opera um movimento progrediente procurando fugir à angústia suscitada pela mancha com a resposta *tapetes feitos de animais*. Trata-se de um modo de apreensão global numa procura de integração pela recorrência a uma figura com boa qualidade formal, isto é, de uma percepção que é partilhada pela realidade externa socializada, que surge como uma defesa face à ameaça de desintegração, quase de aniquilação.

Mas esta capacidade de integrar o estímulo num único depressa fracassa com a resposta *cabeça de um animal* acompanhada de risos, pausas e dúvidas, reflectindo um estado de ansiedade. Esta percepção é elaborada em Do, o que reenvia para a exclusão de todos os elementos que são sentidos como ameaçadores. Este procedimento é acompanhado de um conteúdo animal parcial, reenviando para a ausência de unicidade do sujeito, bem como para a dificuldade em integrar os elementos opostos/bissexuais do cartão.

Assim, apesar de este cartão possuir um simbolismo fálico, sendo o sexo masculino ambicionado pelo sujeito, este não consegue conter a angústia quando confrontado com este estímulo, que assume um efeito desorganizador no sujeito.

A resposta seguinte, *mapa com as manchas*, dá conta de um movimento mais regrediente no qual transparece um envelope frágil, pois o carácter esbatido da mancha predomina sobre a forma, não havendo delimitação formal. Este aspecto remete, mais uma vez, para a desintegração corporal.

O movimento regressivo matem-se com a referência a um conteúdo que, para além de ser parcial, tem um carácter agressivo/destrutivo (como *cornos de veado*) reflectindo a ameaça de desintegração constante, a perigosidade e a angústia persecutória.

A resposta *árvore*, sendo percebida numa posição central (no eixo), poderá consistir numa tentativa de unificação ao mesmo tempo que consiste num esforço por ignorar aspectos do cartão que são percebidos como ameaçadores (as saliências laterais superiores que foram referidas como cornos). Contudo, dada a sua má qualidade formal, esta tentativa foi mal sucedida. Conclui-se que o sujeito não conseguiu elaborar os afectos suscitados pelo estímulo que comportam uma carga agressiva e potencialmente destrutiva, desencadeando uma série de movimentos regressivos.

No cartão V, a resposta *borboleta* surge de forma imediata, sendo a única. O recurso a esta banalidade poderá reflectir uma forma do sujeito se adaptar à situação recorrendo a uma figura banal que possui um carácter adaptativo e socializante. É uma resposta dada na busca de uma integridade e identidade. Face a esse estímulo, de carácter compacto e unitário, o sujeito dá uma resposta banal procurando encontrar alguma integridade psíquica e física. Tal resposta dá conta de uma certa flexibilidade da capacidade de mediação bissexual e das capacidades de integração. No entanto, o sujeito, após dar a resposta, tapa metade do cartão com a mão, como se coloca-se em causa essa integração.

No cartão VI, a resposta *árvore* é imediata havendo um aumento do R. As viragens sucessivas do cartão (para cima e para baixo) e o riso na primeira resposta são indicadores de ansiedade face ao estímulo que é carregado de características sexuais, sobretudo fálicas. A resposta *árvore*, apesar de global, remete para aspectos de carácter mais regressivo que pode ter a ver com a angústia que o sujeito sente face ao estímulo com implicações sexuais, que não consegue controlar. Esta tentativa de integração perde-se na resposta seguinte, *cornos*, que é percebida em Dd reenviando para a desintegração e para a falha identitária sendo associada a uma má forma, o que remete, de novo, para as dificuldades de integração do sujeito ao nível da mediação bissexual. Este conteúdo assume um carácter potencialmente destrutivo e persecutório dando conta da inquietação do sujeito face ao estímulo e da presença constante da ameaça de desintegração/aniquilamento. Ainda nesta resposta, a observação de simetria aparece como forma de se distanciar e conter a ansiedade suscitada pelo engrama, pois surge como uma forma de impedir a relação entre os elementos bissexuais do cartão, o que nos sugere que não parece haver capacidade de mediação bissexual. Desta forma, percebem-se as dificuldades do sujeito conter os elementos de valência sexual e a ausência de símbolos de ambos os sexos no seu espaço psíquico.

Um dos elementos fálicos do cartão é investido como *um bicho com patas e asas*, sendo a sua apreensão parcial e o conteúdo animal. Poderá constituir uma tentativa de adaptação pela associação de uma boa forma a um conteúdo animal.

As respostas *centro da terra* e *cimo da terra*, pela sua qualidade formal vaga, dão conta a indiferenciação dentro/fora, reflectindo, mais uma vez, a fragilidade do envelope psíquico do sujeito.

As repostas seguintes, *lava* e *rio*, reenviam para a contenção de cargas enérgicas fortes. Dão conta da agressividade contida, o que mostra como um estímulo com implicações sexuais se torna difícil para o sujeito. Estes elementos de carácter mais agressivo e activo poderão remeter para o desejo de reatribuição sexual masculina.

As manipulações sucessivas do cartão e a sua interpretação no sentido inverso remetem para a dificuldade em lidar com as implicações sexuais da mancha, e para a dificuldade em integrá-las, dificultando a sua leitura na posição original. A ansiedade suscitada é tal que despoleta movimentos enérgicos e dinâmicos fortes (*lava, rio*).

A angústia e desconforto face ao cartão VII são notórios nos comentários do sujeito (*Isto é tão estúpido*), que volta a reforçar no inquérito: *Essa foi a mais estúpida*) e no seu comportamento (riso e manipulação do cartão). O impacto que este estímulo provoca no sujeito, pela sugestão do colo materno, é tal, que este não consegue fazer a sua interpretação na posição original, dando todas as respostas com o cartão invertido.

A resposta *isto parece um poço qualquer* poderá reenviar para o vazio. Trata-se de uma apreensão global associada a uma má forma que dá conta da tentativa de integração mal sucedida. A associação de um G ao F- remete para a dificuldade do sujeito em perceber uma figura inteira pois, a fraca qualidade formal dessa percepção denota incapacidade de realizar essa integração. O conteúdo *poço* (Arquitectura) é revestido de um carácter duro, escuro e profundo. Esta resposta poderá, assim, remeter para o retraimento libidinal face a um engrama que reenvia para as relações precoces com a figura materna, podendo, assim, reflectir a patologia da vinculação na medida em que o colo materno é percebido como duro, desprovido de afectos.

A resposta seguinte, *gelo a derreter*, é dada em Dd que reenvia para falhas identitárias, e sugere quase uma desintegração/diluição do corpo (*a derreter*) até desaparecer. Poderá, ainda, dar conta de uma frieza e distância nas relações precoces mãe/bebé. Quando o sujeito é confrontado com solicitações maternas/femininas emerge a percepção do vazio, a carência afectiva, a possível agressividade que é projectada contra a figura materna (kob) e a angústia de fragmentação (pelo conteúdo e pelo modo de apreensão). A resposta *mapa* dotada de uma qualidade formal imprecisa remete para a indiferenciação dentro/fora e para a ausência de um envelope contendor, adquirindo o conteúdo Geologia um carácter regressivo. Assim, apesar de esta resposta representar uma tentativa de integração (em G), a ausência de uma fronteira entre o dentro e o fora não permite essa integração pelo que reina a confusão interior/exterior. A incoerência da resposta seguinte demonstra a angústia do sujeito face ao estímulo (*estas muralhas grandes só me vem egípcio à cabeça, mas as muralhas são da china*). Esta resposta dá conta de falha identitária havendo um esforço de exclusão das solicitações ameaçadoras do cartão pela restrição a um pequeno pormenor. O conteúdo Arquitectura reenvia, de novo, para a uma imagem dura e desvitalizada das relações primárias com a mãe, reflectindo a ausência de afecto. Uma vez que se trata de uma má forma, dá conta do fraco rigor do pensamento por parte do sujeito. A estes aspectos acresce,

ainda, o carácter incoerente da resposta onde o sujeito refere que o engrama lhe lembra uma coisa (*só me vem egípcio à cabeça*), mas que, de facto, é outra coisa (*mas as muralhas são da china*). Este aspecto poderá encontrar-se relacionado com a luta que se processa entre o seu corpo (que é de mulher) e a sua identidade sexual (que ele reclama ser masculina).

A percepção do vazio central (Dbl) associado a um conteúdo de carácter regressivo (*árvore*) reenvia para a incompletude, para o vazio, para a carência afectiva sentida nas primeiras relações, dando conta do vazio interior do sujeito e da ausência de símbolos, isto é, de representações internas. Desta forma, poder-se-á sugerir que a qualidade destas relações terá colocado em causa a qualidade mediadora da bissexualidade psíquica não permitindo a integração dos opostos nem a constituição de uma identidade sexual, pois não parece ter existido uma relação com a figura materna, ficando o sujeito sem a oportunidade para investir esta como objecto de amor.

No cartão VIII, a entrada na expressão é imediata. A nomeação cor poderá reenviar para o choque emocional. A resposta *espigas de um peixe*, em Dbl, remete, de novo, para a temática da incompletude bem como para a angústia corporal (Ad) e para as dificuldades de integração do sujeito, reflectindo a representação de si; sendo a entrada na expressão directa, o que sugere forte identificação. A resposta seguinte, *Este vermelho só me faz pensar em coração*, reflecte um esforço para integrar os afectos suscitados pelo estímulo. A cor não surge de forma pura sendo delimitada formalmente, o que indica a necessidade do sujeito em delimitar um envelope psíquico. O comentário subjectivo (*Se for aquele vermelho com preto vejo sempre a morte, se for este vermelho com laranja já é algo mais positivo.*) e a observação cor remetem para a labilidade emocional e para a dificuldade em conter os afectos. A resposta seguinte (*umas tintas misturam-se, outras não. Faz-me lembrar a amizade*) dá conta de uma tentativa de integração. Aqui, a cor surge de forma pura reflectindo a reactividade à cor o que poderá reenviar para um menor controlo defensivo por parte do sujeito, dando conta de uma maior flexibilidade do pensamento. Desta forma, o sujeito dá indícios de conseguir integrar os diversos aspectos do cartão, havendo a possibilidade de comunicação entre o interior e o exterior. Contudo, esta possibilidade perde-se com a observação de simetria que vem oferecer uma nova resistência à manifestação dos afectos, desprovendo as suas respostas de um carácter relacional. É evidente a dificuldade do sujeito em integrar o diferente, o outro.

No cartão IX, o tempo de latência aumenta um pouco, ainda que permaneça curto. A primeira resposta (*um corpo de uma mulher, mas depois lá para cima deixou de ser*) parece remeter para a dificuldade de simbolização; é como se o objecto materno não estivesse integrado dentro de si e ele não conseguisse manter essa representação constante (deixando o objecto percebido de ser uma mulher). A má qualidade formal poderá consistir numa tentativa de ignorar aspectos do

cartão que o sujeito sente como ameaçadores, uma vez que este apela à regressão. O movimento regressivo do sujeito continua na resposta seguinte (*umas asas com qualquer coisa a protegê-la*) que reenvia para o oculto, para a figura feminina que, para o sujeito, é algo desconhecido, algo que não consegue representar, algo que não simbolizou. Do mesmo modo, o facto de a figura feminina ter *umas asas a protegê-la* remete para a inacessibilidade da mesma para o sujeito, como se o feminino sempre tivesse sido inalcançável para ele, impedindo o estabelecimento de relações de objecto e, conseqüentemente, a identificação. A má qualidade formal das respostas e a parcialização mostram como este tema é difícil para o sujeito. Uma vez que o conteúdo deste cartão apela à regressão, podemos considerar, tendo em conta as respostas, o não estabelecimento de relações de qualidade com a figura materna, permanecendo esta inacessível para o sujeito.

Quanto ao cartão X, a primeira resposta, *fogo de artifício*, remete para a contenção de uma carga agressiva. Apesar de esta apreensão ser feita em G, o sujeito dá-nos uma imagem fragmentada e explosiva (*fogo de artifício*), o que poderá remeter para as suas dificuldades de integração e de identificação como ser uno. A manipulação do cartão pode remeter para uma apreensão mais *caótica* do mesmo e para as dificuldades de interpretação de determinadas características. A resposta *chamas* remete, mais uma vez, para a agressividade contida (o que é reforçado no inquérito com a mesma resposta). O facto de ser uma resposta com determinante formal vago remete para a indiferenciação dentro/fora e para a fragilidade da barreira psíquica. Além deste aspecto, trata-se de um objecto que é percebido como detentor de uma carga agressiva que pode magoar (*chamas*), o que remete para a ameaça constante de desintegração e de prejuízo.

A resposta *alguém mascarado para o carnaval* remete para as suas dificuldades de integração bissexual na medida em que dá conta da dificuldade de identificação sexual. O sujeito não atribui um sexo à figura referindo apenas que é *alguém*. Esse alguém está mascarado, o que não permite perceber se se trata do sexo masculino ou feminino e não permite uma forma de identificação. É alguém que busca uma identidade, que experimenta uma outra identidade, que procura uma identidade que possa ser a sua. Esta figura é percebida em Dbl podendo remeter para a falta de um modelo de identificação devido ao vazio interior, à ausência de objectos que impossibilita a formação de um envelope contendor. Ainda nesta resposta, o sujeito apela à cor, ainda que de forma controlada, utilizando o predomínio da forma de modo a não se deixar invadir pelos afectos. Seguidamente, o sujeito volta a referir a resposta *asas quaisquer com um corpo* que pode reflectir o desejo de mudança. Esta resposta dá conta da angústia corporal/fragmentação (Ad).

Está presente o fantasma de fragmentação pois o sujeito tem dificuldade em unir os elementos da mancha dado o seu carácter disperso.

No inquérito o sujeito faz uma tentativa de representação da figura humana, com o cartão invertido. Todavia, esta fracassa pois culmina com a resposta *baratas* o que revela que estes conteúdos possuem características inquietantes para o sujeito.

## 6.2. Análise do Psicograma

O sujeito apresentou-se muito cooperante durante a prova fornecendo um elevado número de resposta ( $R=43$ ) e mostrando grande reactividade face ao estímulo Rorschach. O psicograma poderá ser consultado no Anexo II. O R foi superior nos cartões um, quatro e seis e foi inferior nas cartões cinco e nove. A diminuição acentuada do cartão um para a cartão dois remete para uma grande sensibilidade face à problemática suscitada pelo cartão e para a dificuldade em controlar a sua reacção. Este aspecto repete-se ao longo o protocolo, parecendo existir uma oscilação do R que aumenta e diminui com alguma frequência.

Quanto aos modos de apreensão, o protocolo do sujeito revela-se completo neste aspecto estando presentes G, D, Dd, Do, Gbl, Dbl e Ddbl. No que se reporta aos determinantes, encontram-se presentes todos os tipos no protocolo: F (+ e -); FC e C e FC'; EF; K, kp e kob. O RC% é baixo (21%) o que remete para a dificuldade em lidar com os afectos. O Índice de Angústia é elevado (16%) o que revela fortes preocupações centradas no corpo, sendo um dos aspectos que aponta para a fragilidade do envelope psíquico do sujeito parecendo existir uma forte ameaça de desintegração e angústia de aniquilação. Desta forma, compreende-se que o sujeito tenha grandes dificuldades ao nível da identificação sexual.

Quanto à qualidade da verbalização, pode dizer-se que o sujeito apresenta um discurso rico que, por vezes, na tentativa de demonstrar a sua masculinidade, acaba por se tornar um pouco caricatural, tal como certas expressões gestuais. Este sujeito mostra-se muito cooperante, fornecendo grande número de respostas e expressa fácil e verbalmente o seu desconforto face ao estímulo (por exemplo, quando refere o carácter negro dos cartões). O sujeito dá conteúdos de vários tipos mas centra-se nos conteúdos humanos e animais remetendo estes para questões identitárias.

Quanto aos G, a sua percentagem é francamente reduzida (5%), aspecto que remete para uma grande dificuldade em percepcionar o engrama como uma totalidade, como uma unidade. Trata-se de uma dificuldade em integrar os diferentes elementos do cartão, nomeadamente, as características sexuais (masculinas e femininas) dos mesmos. Como se pode observar em todo o

protocolo, o sujeito demonstra grandes dificuldades em conseguir fazer essa integração e, das vezes que o faz, ou o G surge associado a uma má forma ou a conteúdos parcializados, como Ad ou Hd remetendo para problemas ao nível identitário e da integração corporal. Esta dificuldade de integração poderá estar relacionada com a incapacidade mediadora da bissexualidade psíquica que não lhe permite integrar os opostos de forma complementar, dificultando o estabelecimento da sua identidade sexual e levando à separação dos aspectos masculinos e femininos em esferas diferentes, operando uma espécie de clivagem entre eles. Os G surgem, maioritariamente, nos cartões fechados (I, IV, V e VI), à excepção dos cartões VII e X onde também surgem alguns G. Além de a sua quantidade ser muito reduzida, o facto de surgir quase exclusivamente nos cartões fechados aponta para a dificuldade do sujeito em integrar os diferentes elementos que compõem o estímulo. O facto de o próprio engrama sugerir facilmente a impressão de um corpo único e delimitado facilita a apreensão global para o sujeito, surgindo como uma forma de defesa e como uma procura de unicidade. Isto vai de encontro à hipótese colocada, de acordo com a qual, a fraca capacidade mediadora da bissexualidade psíquica não permite a integração e coexistência de elementos passivos e activos, femininos-masculinos, etc. Como o sujeito tem dificuldades em fazer a integração, opta por tratar os elementos solicitados nos cartões de forma particular.

No que concerne aos determinantes associados aos G são, na sua maioria, formais (três F+; dois F- e um F+/-) reflectindo uma tentativa de abordar a realidade de forma objectiva e socializada. Contudo, essa tentativa nem sempre é bem sucedida pois existem tantos F- e F vagos como F+.

O D% é baixo (42%) havendo, em contrapartida, um considerável número de Dd (12%) o que vem indicar fragilidade ao nível da sua identidade; uma dificuldade do sujeito se perceber como uno e de integrar os opostos. A presença de Dd numa quantidade já elevada reenvia para a questão da falha identitária. Embora o sujeito procure utilizar o D como defesa contra alguns aspectos dos cartões, essa defesa nem sempre é possível tornando-se o estímulo demasiado angustiante, obrigando o sujeito a refugiar-se em pormenores raros (Dd) como forma de evitar as solicitações dolorosas que lhe são impostas (e.g.: cartão I, onde o Dd também surge como Ddbl, e cartão VII).

O Dbl% apresenta valores elevados (12%). Este aspecto, associado à muito baixa quantidade de G e à elevada quantidade de Dd, aponta para a perturbação da relação primária. Sugere a existência de uma relação primária deficiente ou até inexistente. A grande quantidade de Dbl remete para a temática da incompletude e poderá estar relacionada com vivências abandonicas num período precoce. Este é um dos aspectos que tem sido relacionado com a perturbação da identidade de género nas meninas.



No que concerne à análise dos factores intelectuais, observou-se um número um pouco elevado de F (74%) o que dá conta da necessidade em controlar os afectos e do recurso ao formal como forma de delimitação do estímulo de modo a contê-lo, constituindo, desta forma, uma defesa contra a fragilidade do seu envelope psíquico. Assim, o sujeito esforça-se por criar essa delimitação na situação Rorschach. No entanto, o F+% é bastante baixo (52%) sugerindo um fraco rigor do pensamento. Concomitantemente, o número de Banalidades (3) encontra-se abaixo do esperado. Por outro lado, está presente no protocolo uma quantidade considerável de F- e de F+/- . Todos estes aspectos dão conta de um fracasso na sua tentativa de controlo deixando-se invadir pela angústia suscitada pelos cartões. Isto acontece, sobretudo, nos cartões: I, VI, VII, IX e X. O cartão VI encontra-se saturado de implicações sexuais/bissexuais, o que gera desorganização no sujeito, pois este não consegue lidar com elas e integrá-las numa mesma imagem, uma vez que, para si, encontram-se separadas em pólos distantes onde uma é desejada e a outra é ignorada. O cartão VII adquiriu um impacto emocional significativo no sujeito. Sendo um cartão que reenvia para as relações precoces com a figura materna, existe a possibilidade de estas terem sido vividas como abandonónicas e distantes. O tema da carência afectiva parece estar presente. Além dos F+ existirem em fraca quantidade, tendem a surgir, sobretudo, em situações próximas da realidade que é partilhada de forma comum, ou seja, da realidade externa (e.g.: *borboleta*, na cartão V; *borboleta*, na cartão III e *tapetes feitos de animais*, na cartão IV) enquanto que as más formas, apesar de percepcionadas em vários cartões, surgem, na sua maioria, no cartão VII que possui solicitações femininas/maternas, o que reforça a ideia de uma relação primária perturbada. Surgem, ainda, no cartão IX que apela à regressão. Também estão presentes no cartão VI cujo simbolismo está ligado à bissexualidade. Posto isto, parece haver indícios de que o sujeito, na falta de representações internas que lhe permitem percepcionar os estímulos de forma íntegra e correcta, busca essas representações na realidade externa, onde elas são banais e partilhadas por todos. Este aspecto aponta para a fraca capacidade de simbolização, o que explica que o sujeito tenha dificuldade em referir-se a representações internas, pois não existe internalização do objecto. Daí o vazio, a incompletude, que nos é dado pela elevada percentagem de Dbl.

A frequência com que surgem os F+/- pode reflectir uma tentativa de o sujeito excluir aspectos inquietantes da mancha, o que o impede de definir a imagem. Estes determinantes surgem associados quer aos G (no cartão I: *vejo uma cena mais voadora*), fugindo desta forma à designação sexual da imagem que se lhe impõe; quer ao Dd (na cartão I: *pinguitos*) onde o sujeito, para além escolher uma localização raramente evocada, a torna indefinida, o que mostra um fracasso total do seu controlo. No entanto, a maioria das vezes, este determinante surge

associado aos D (e.g.: cartão III, *unidos com uma merda qualquer*; cartão VI, *centro da terra/cimo da terra*; cartão X, *qualquer coisa a deitar duas chamas*).

O número de K é baixo, o que dá conta de uma pobre capacidade criativa. Apesar de a única cinestesia humana ser referida no cartão III, não podemos dizer que existem boas capacidades de o sujeito se percepção face ao outro, pois a quantidade de K é muito reduzida. Assim, a capacidade de se percepção como um ser uno, integrando a diferença e o outro sexo, parece ser muito fraca. A quase inexistência de cinestésias humanas inteiras no protocolo remete, ainda, para a fraca simbolização no sujeito, como se este não tivesse introjectado representações de objecto. Assim, pode supor-se que a bissexualidade psíquica não exerceu a sua função mediadora impedindo a identificação do sujeito com o objecto, pois não houve integração desse objecto.

Quanto ao nível de socialização do sujeito podemos considerar que, quando analisada em superfície, pode ser considerada fraca pois o A% e Ban são baixos, acrescentando a isto o facto de muitos conteúdos animais serem Ad. Quanto ao nível de socialização em profundidade as baixas quantidades de D%, e F+% apontam para a sua fragilidade, apesar de a quantidade de H% ser elevada, pois boa parte destes conteúdos são Hd havendo, também, um (H). Assim, facilmente se conclui que o sujeito tem dificuldades de representação de si enquanto ser humano inteiro e sexuado.

O FC (2) é superior a C+CF (1), o que poderia apontar no sentido de um bom nível de socialização. Contudo, os dados anteriores apontam todos no sentido de uma socialização frágil não sendo este aspecto, por si só, suficiente para considerar que o sujeito possui um bom nível de socialização. Desta forma, conclui-se que o sujeito apresenta dificuldades de socialização, utilizando estratégias para se adaptar, mas que nem sempre o consegue fazer de forma eficaz.

No âmbito da dinâmica afectiva do sujeito podemos considerar que este se mostrou cooperante no decorrer da aplicação do instrumento, mantendo a mesma atitude, quer no inquérito, quer na prova.

O TRI é do tipo extratensivo misto ( $K < C \ 2,5$ ), indicando a presença de excitabilidade no sujeito. Sugere que o sujeito investe muito os estímulos exteriores sem, contudo, ter perspectiva na apreciação da realidade objectiva (dada a fraca utilização das funções cognitivas), o que provoca efeitos de regressão. O facto de o sujeito investir muito nos estímulos exteriores prende-se com o que já foi mencionado sobre a ausência de simbolização. Assim, o sujeito, ao não possuir representações internas, tende a procurar no exterior os conteúdos necessários à interpretação. No entanto, dada a ausência de representações internas, o sujeito tem dificuldade

em apreciar essa realidade de forma crítica o que pode, por vezes, desencadear movimentos regressivos.

Quanto à Fórmula Complementar, esta varia no sentido oposto ao T.R.I. ( $4 > 1$ ) o que sugere a existência de um conflito interior. Desta forma, pode-se supor que este diga respeito, não a um conflito entre o Id e o Superego, mas a um conflito entre o sexo ambicionado pelo sujeito e o sexo anatómico que possui. O sujeito sente-se preso num corpo com o qual não se identifica, como se existisse um conflito entre a mente e o corpo do sujeito. Uma vez que a ausência da capacidade mediadora da bissexualidade psíquica não permitiu a integração dos opostos, não foi possível a introjecção do objecto, nem a simbolização. Assim, não se pode dizer que tenha surgido um conflito entre o Superego e o Id pois a formação do Superego exige a internalização dos objectos exteriores, das suas representações. Neste sentido, o sujeito encontrasse aquém da genitalidade pois não houve oportunidade para a manifestação do conflito edipiano. A luta do sujeito é entre o corpo e a mente, constituindo algo mais primitivo e anterior à formação do Superego.

## 7. Discussão

A análise do protocolo permitiu perceber a importância da mediação bissexual na constituição da identidade de gênero no transexual F-M. Ao analisar o protocolo, deparamo-nos com algumas respostas para os problemas anteriormente formulados.

Um dos aspectos que sobressaiu na análise do protocolo foi a presença da temática da incompletude (pela elevada percentagem de Dbl) que reenvia para a questão da angústia de separação. Estes resultados não corroboram, neste caso particular, a existência de uma relação demasiado fusional com uma mãe masculina, como havia sido sugerido inicialmente. Em vez disso, a existência deste vazio interior parece indicar uma relação primária que foi insuficientemente vivida ao nível emocional. A presença, pelo menos psicológica, da figura materna parece ter sido insuficiente ou nula, deixando uma carência muito grande no sujeito. Consta-se, desta forma, o estabelecimento de um envelope psíquico muito frágil que vai impedir a constituição de uma identidade e, conseqüentemente, de uma identidade de gênero. Estes resultados vão de encontro à perspectiva de Chiland (2005), de acordo com a qual o transexualismo se assemelha à patologia limite ou patologia narcísica. Efectivamente, as questões do vazio interior e da carência afectiva estão presentes no sujeito em estudo, o que o aproxima do quadro característico da patologia narcísica. Estes resultados apontam no sentido de um estabelecimento de um envelope psíquico fragilizado, em que o sujeito dificilmente consegue perceber o seu corpo como uno, como uma totalidade (o que também é verificado no protocolo pela presença reduzida de G). Algumas constatações provenientes da análise do protocolo parecem, também, corroborar esta hipótese, tais como: indiferenciação dentro/fora (mercê da fragilidade do envelope psíquico/ausência de um continente); a insistência na simetria, o desdobramento e a clivagem. Estes últimos procedimentos reflectem as dificuldades relacionais do sujeito e a centração em si, a referência a uma realidade externa quase organizada em espelho, como se não existisse diferenciação entre o Eu e o Outro e conseqüente indiferenciação interior/exterior. Posto isto, o transexualismo poderá ser encarado como uma procura de identidade, à semelhança de um quadro narcísico.

Contudo, apesar de os resultados sugerirem a proximidade entre a perturbação da identidade presente no transexualismo e a difusão da identidade presente no estado *borderline* proposta por Chiland (2005), os mesmos não se coadunam com a convicção da autora, de acordo com a qual, o sentido da realidade do sujeito permanece intacto em todos os domínios, uma vez que, como se pode constatar, o sujeito possui um fraco domínio sobre o rigor do pensamento. Deste modo, tendo em conta a análise do presente protocolo, pode-se concordar com Chiland

(2005) quando afirmou que o transexualismo consiste numa perturbação narcísica, uma vez que alguns pacientes constroem o seu *self* adoptando a identidade de género oposta. Já Oppenheimer (1991) assumiu tratar-se de uma tentativa de restauração narcísica.

Ainda a respeito da ansiedade de separação, para Limentani (1979), esta consistiria na base da síndrome transexual quer em homens, quer em mulheres. Face aos resultados observados poder-se-á supor que existe, de facto, esta relação.

Outro aspecto que pode ser verificado, mediante a análise do protocolo, foi a aparente ausência de simbolização (pela quantidade significativa de Dbl associada à presença de F- e de F+/- considerável). O sujeito demonstrou bastante dificuldade em fazer referência a representações internas, facto que poderá advir da carência vivida nas relações primárias com a figura materna. De facto, se esta figura não se encontrar presente e disponível para o bebé, torna-se impossível a introjecção de objectos que, mais tarde, se transformarão em representações. Assim, a análise do protocolo Rorschach permitiu verificar a ausência de simbolização (o vazio interior) que poderá estar ligada à carência afectiva vivida na primeira relação com a figura materna. Tal como Segal (1957) referiu, a não existência de uma relação afectiva entre a mãe e a criança, impede a introjecção de um bom objecto que permita a esta defender-se do mau objecto. Esta carência parece estar presente no sujeito transexual F-M, como se pode constatar pela presença da angústia persecutória em várias situações (e.g.: cartão I, *olhos de alguma coisa*) e a dificuldade em controlar-se face a esta. Desta forma, a ideia de que o transexual tem dificuldades de simbolização que, mais tarde, o impedirão de integrar no espaço psíquico as representações do feminino e do masculino parece fazer sentido. Consequentemente, a ausência desta integração parece levar à patologia da identidade de género. Estes dados fornecem sustentação à hipótese levantada, de acordo com a qual a bissexualidade psíquica, sendo uma forma de transacção entre o mundo real e o imaginário, não assume a sua função mediadora no sujeito transexual dada a ausência de integração das figuras sexuais opostas, isto é, dada a não simbolização de ambos os sexos bem como das formas de relação com eles.

As dificuldades de simbolização evidenciadas pela análise do protocolo são coincidentes com as afirmações, de alguns autores, sobre o desejo de apropriação dos caracteres sexuais do sexo oposto consistir numa tentativa de possuir o objecto desejado ainda de forma concreta, dada a ausência simbólica do mesmo. Estas constatações remetem, ainda, para as concepções de alguns autores sobre a semelhança da patologia da identidade de género com a psicose. Mitchell (in Limentani, 1979) afirmou que o facto de o transexual não possuir a ideia simbólica de pénis nem de vagina poderá aproximá-lo do quadro da psicose. Ainda no âmbito da questão da simbolização, parece haver uma predominância do pensamento concreto no sujeito transexual ao

desejar a incorporação dos caracteres sexuais do sexo oposto, tal como havia referido Limentani (1979).

De facto, existem outros aspectos característicos do quadro psicótico que foram encontrados, tais como: angústia de fragmentação; medo de aniquilação; clivagem e recusas. A dificuldade em fazer referência a uma imagem inteira (muito poucos G) havendo a projecção de uma representação de si muito fragmentada/dispersa (pela significativa percentagem de Dd, Hd e Ad) dá lugar à confusão entre o exterior e o interior. Estas são duas características da psicose e permitem perceber porque é que a bissexualidade psíquica não pode exercer a sua função mediadora, o que coloca a questão do transexualismo num registo primário. David (1975) referiu que a bissexualidade é um conceito que faz a ponte entre o consciente e o inconsciente, a fantasia e a realidade, constituindo-se como o núcleo em torno do qual se desenvolve a identidade do sujeito. Desta forma, é ela que permite a distinção entre o mundo interior e o exterior; entre o Eu e o Outro. De facto, no caso em estudo, não se verificou esta capacidade mediadora entre o dentro e o fora, entre fantasia e realidade, uma vez que o sujeito não possui um envelope contendor, um espaço psíquico que lhe permite compreender a diferença entre si e o outro/o diferente. Desta forma, não se torna possível a criação de símbolos. Os resultados obtidos foram coincidentes com alguns aspectos também encontrados por Limentani (1979) em transexuais, tais como ansiedade depressiva, ansiedade de separação associada à angústia de fragmentação e o medo de aniquilação.

Todas estas observações colocam o problema da transexualidade num registo primitivo, onde não se torna possível a constituição de uma identidade, o que o mantém o sujeito aquém da confrontação com o conflito edipiano. Assim, respondendo a uma das questões colocadas anteriormente, os dados coincidem com a hipótese de que a bissexualidade não exerce a sua função mediadora, dada a ausência de conteúdos entre os quais possa mediar, isto é, dada a ausência de símbolos femininos e masculinos no espaço psíquico do sujeito, espaço este que não se encontra delimitado, existindo, isso sim, uma confusão Eu/Outro e dentro/fora. Como tal, não é possível mediar entre dois espaços que, para o sujeito, constituem um só (o dentro e o fora), não existindo uma barreira entre eles. Na ausência da capacidade de simbolização, torna-se impossível a realização do conflito edipiano. Desta forma, este estudo fornece sustentação à ideia de que o transexualismo possui na sua base a ausência deste conflito. Estes resultados são concordantes com a afirmação de Stoller (1982), de acordo com a qual a ausência de conflito estaria na base da perturbação da identidade de género. No entanto, este autor estabeleceu que esta perturbação possui causas diferentes consoante o género, argumentando que a ausência de conflito apenas contribui para esta perturbação no sujeito de sexo masculino. Contudo, dado o

que se pode observar no presente estudo, consideramos que o vazio deixado pela ausência da figura materna (ou da disponibilidade psicológica desta) poderá, também, na menina, contribuir para a ausência de conflito pois continuam a não existir conteúdos que permitam a emergência deste. Assim, conclui-se que a perturbação da identidade de género poderá resultar, em parte, da ausência de conflito, quer no sujeito do sexo masculino, quer no sujeito do sexo feminino.

Uma das questões colocadas na formulação do problema prende-se com a forma como o sujeito transexual F-M lida com a ambiguidade, uma vez que parece não existir integração da diferença, do outro e do outro sexo. A baixa percentagem de G associada à considerável presença de Dd permite responder a esta questão. Podemos verificar que a ambiguidade é algo intolerável para o sujeito que, como não possui símbolos, não integra os opostos (masculino-feminino, homem-mulher, passivo-activo, destruição-conservação). Dada a sua intolerância o sujeito acaba por separar o masculino para um lado e feminino para outro, tal como faz com o passivo e o activo, o homem e a mulher. Opera-se, desta forma, um mecanismo de clivagem. Para este sujeito, os opostos não são complemento um do outro, tornando-se incompatíveis e permanecendo separados. Assim, torna-se impossível conseguir elaborar uma representação íntegra e sexuada de si próprio, pois o sujeito não possui referências. Tendo em conta estas observações, podemos responder à questão colocada considerando que existe, de facto, uma clivagem entre o feminino e o masculino que é suscitada pela intolerância à ambiguidade. Após esta clivagem, não parece existir um movimento de reunião entre os opostos masculino e feminino. Estes aspectos conduzem-nos a outra das questões levantadas, que se reporta ao *fantasma dos progenitores combinados*. Um dos aspectos que nos propusemos identificar foi se existiria a dificuldade em fazer a cisão da imagem dos progenitores combinados, o que impossibilitaria o estabelecimento de uma relação objectal com eles. Pelo que se pode observar no protocolo, não parecem existir dificuldades em elaborar essa cisão, sendo esta até suscitada pelo efeito ameaçador que a ambiguidade provoca no indivíduo transexual. Porém, esta cisão não assume o papel esperado, que consistiria em possibilitar o estabelecimento de uma relação objectal com ambas as figuras parentais experimentando formas de relacionamento e de identificação com elas. A cisão da imagem parental revela-se permanente, impedindo a reunião das características opostas e a sua introjecção no espaço psíquico do sujeito. Deste modo, respondemos já, de forma positiva, à segunda questão: será que o sujeito transexual, ao fazer esta cisão, não consegue voltar a integrar de modo uno os opostos masculino e feminino? Possivelmente, e tendo em conta a análise do protocolo, a ausência de uma relação objectal com as figuras parentais impede a introjecção dos modos de relacionamento com o outro e com o outro sexo (facto que se pode constatar, por exemplo, nos cartões: I, *dois homens, um para cada lado* e II, *as mãos unidas* como

forma de desdobramento e as várias observações de simetria). Assim, parece não existir um movimento de reunião após a cisão do *fantasma dos progenitores combinados* que, como David (1973) considerou, é um factor fulcral no estabelecimento da identidade de género, na medida em que permitirá ao sujeito conhecer o outro e o outro sexo, estabelecendo uma relação objectal com ele e fazer a sua identificação sexual.



## 8. Conclusão

A análise do Rorschach permitiu encontrar respostas para as questões elaboradas neste trabalho, acerca de uma hipotética relação entre a perturbação da função mediadora da bissexualidade psíquica e a perturbação da identidade de género. Esta análise permitiu, também, verificar a presença de vários aspectos que têm sido referidos por diversos autores como estando na origem do transexualismo. Verificou-se a presença de uma problemática identitária que o sujeito manifesta pelas dificuldades em alcançar a integridade e unicidade corporal.

Os resultados sugeriram a existência de um vazio interior possivelmente resultante de uma carência afectiva vivenciada nas primeiras relações com a figura materna. Verificou-se que o estabelecimento de um envelope psíquico contendor ficou comprometido dada a perturbação dessas relações parecendo existir uma confusão eu/outro e dentro/fora, dada a fraca delimitação do espaço psíquico do sujeito. A procura de delimitação é constante no decorrer do protocolo. Estes aspectos parecem corroborar as perspectivas de alguns autores (e.g.: Chiland, 2005; Oppenheimer, 1991) que consideraram que o transexualismo se assemelha à patologia narcísica na medida em que se trata de uma forma de *reparação narcísica*. Face às hipóteses levantadas, verificou-se que a ansiedade de separação poderá estar na base deste tipo de perturbação, dada a presença da temática da incompletude. Talvez esta carência esteja na origem da constituição de um envelope psíquico frágil e poroso que impede a constituição da identidade do sujeito devido à incapacidade de se perceber como uno e diferente do outro, existindo, isso sim, uma confusão dentro/fora.

Foram encontrados o medo de aniquilação, angústias persecutórias e de fragmentação, o que sugere que o sujeito vive sob uma ameaça de desintegração permanente, pelo que a reatribuição sexual é tida, para o sujeito, como uma forma de alcançar alguma integridade e unicidade, pois, sem ela, o seu corpo desintegrar-se-á.

A ausência da integração do *casal parental combinado* que foi sugerida pela clivagem entre os opostos, impedindo a sua reunião, dificultou o processo de mediação bissexual, sem a qual, não se torna possível a constituição de uma identidade sexual.

A análise do protocolo sugeriu uma fraca capacidade de simbolização que poderá ser explicada pelo que foi mencionado anteriormente, uma vez que a ausência de uma relação satisfatória com a figura materna poderá não ter fornecido os conteúdos necessários à internalização dos símbolos. Estes aspectos permitiram, também, perceber porque é que o transexualismo é tido como uma patologia da identidade de género que se insere num registo primitivo.

Os aspectos constatados tornaram clara a precariedade da capacidade mediadora da bissexualidade psíquica mercê da ausência de conflito não havendo, assim, neste sujeito, a vivência de relações edípicas. Constatou-se, desta forma, que a função mediadora da bissexualidade psíquica parece ser afectada pela inexistência de representações de objecto que permitissem o desencadear de um conflito promotor do estabelecimento de relações com o outro e com o outro sexo. Desta forma, percebeu-se que, sem esta função mediadora, não se torna possível a integração dos opostos de forma complementar no espaço psíquico do sujeito, o que impede a constituição de uma identidade e, consequentemente, de uma identidade de género. Esta ideia foi sustentada pela presença de vários indicadores de dificuldades de integração presentes no protocolo (e.g.: muito baixa quantidade de G, quantidade considerável de Dd).

Deste modo, concluiu-se que a função mediadora da bissexualidade psíquica é um aspecto fulcral para o estabelecimento da identidade de género. A perturbação desta função, não só permite compreender a origem da perturbação da identidade de género como possibilitará o entendimento de outras formas de psicopatologia pois esta mediação dá conta da possibilidade do sujeito efectuar a distinção entre o Eu e o Outro, entre o interior e o exterior e entre a realidade e a fantasia, aspectos estes que se mostraram pobres na análise do protocolo em estudo.

Apesar de o interesse inicial em aprofundar o conhecimento existente sobre a perturbação da identidade de género nos casos de transexualismo feminino, teria sido interessante a recolha de um protocolo de um transexual M-F. Deste modo, o presente estudo peca pela ausência de um caso de transexualismo masculino que permita estabelecer uma comparação entre os dois sexos à luz da função mediadora da bissexualidade psíquica. Em investigações futuras, seria interessante efectuar esta comparação, tendo como critério a capacidade de mediação bissexual. Uma vez que o presente estudo se reservou à recolha de informação num caso de transexualismo F-M, esta comparação apenas se pode supor com base nas informações recolhidas na literatura. Assim, tendo em conta a revisão teórica realizada, os resultados parecem indicar a possível existência de mais semelhanças na origem do transexualismo, entre os dois sexos, do que aquelas que são, normalmente, apontadas, havendo uma tendência, por parte de alguns autores, em conceber a génese perturbação da identidade de género de forma diferente consoante o sexo do sujeito (e.g.: Stoller, 1975). Não obstante, predomina uma tendência para descrever o transexualismo do ponto de vista masculino. Não é possível conhecer o transexualismo estudando apenas *uma face da moeda*, tornando-se necessário perceber a sua génese em ambos os sexos e não apenas a partir do sexo masculino. Assim, o estudo do transexualismo F-M poderá contribuir para uma melhor compreensão da sua génese em ambos os sexos, pois fornece dados importantes sobre a constituição da identidade de

gênero, revelando que, por vezes, o desejo de reatribuição sexual poderá consistir, não tanto uma procura de identidade sexual, mas, sobretudo, uma procura de identidade. Uma procura de unicidade. Seria interessante a tentativa de estabelecer uma distinção mais clara entre o transexualismo e a perturbação narcísica pois estas tendem a apresentar tantas semelhanças que, por vezes, a perturbação da identidade de género parece constituir uma forma específica de reparação narcísica.

Em futuras investigações sobre a perturbação da identidade de género, a função mediadora da bissexualidade psíquica deveria ser usada como critério para a melhor compreensão da sua génese. Além deste aspecto, a abordagem do transexualismo tendo como base o critério da mediação bissexual possibilita uma melhor distinção entre os casos de transexualismo primário e secundário, o que seria muito importante em contexto psicoterapêutico dada a elevada taxa de suicídio nestes sujeitos (após a cirurgia de reatribuição sexual). A bissexualidade psíquica poderá ser assumida como um critério base no estudo do transexualismo tornando a sua compreensão mais uniforme e permitindo uma melhor distinção entre esta condição e a psicose. A utilização do método Rorschach permitiu a recolha de informação sobre a capacidade de integração bissexual, pelo que revelou um instrumento poderoso para a obtenção de informação a ser considerado em estudos futuros.

## Referências

- Afonso, J. (2007). Masculino e feminino: alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica*, 3 (25), 331 – 342.
- Almeida, P., & Guerra e Paz, A. (2003). “Nunca a minha mente esteve tão longe do meu corpo” (A propósito de um caso de perturbação de identidade de género). *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5 (1), 119-131.
- Bégoin, J., & Gammil, J. (1975). La bisexualité et le complexe d’Oedipe. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 943-957.
- Badinter, E. (1992). *Xy – de l’identité masculine*. Paris: Editions Odile’Jacob.
- Bento, B. (s.d.). *A reinvenção do corpo: sexualidade e género na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- Bonnafe-Villechenoux, M. (1989). Fantasme de bisexualité, hystérie motrice et processus de symbolisation. *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 1813-1825.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto - Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em língua francesa Le Rorschach en clinique adulte – Interprétation psychanalytique. Paris: Dunod, 1997).
- Chiland, C. (1988). Enfance et transsexualisme. *La psychiatrie de l’enfant*, 31 (1-2), 316-373.
- Chiland, C. (2005). *Exploring transsexualism*. London: Karnac.
- Chiland, C. (2001). Transsexualisme et homosexualité. *Adolescence*, 19 (1), 51-57.
- David, C. (1975). Bisexualité biologique et bisexualité psychique. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 665-698.
- David, C. (1975). Bisexualité psychique. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 695-712.

- David, C. (1973). Les belles différences. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 7, 231-249.
- Dianne, E. (1998). Gender repertoire: body, mind, and bisexuality. *Psychoanalytic Dialogues*, 8, 353-37.
- Fliess, W. (1973). Masculin et feminine. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 7, 167-177.
- Freud, S. (2009). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Lisboa: Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1905).
- Golse, B. (2000). Le maternel et le féminin au regard de la bisexualité psychique. *La Psychiatrie de l'enfant*, 43 (1), 109-126.
- Kernberg, O. F. (1995). *Love Relations: Normality and Pathology*. New Haven, London: Yale University Press.
- Klein, M. (1986) *The psycho-analysis of children* (3ª ed.). London: Hogarth Press. (Obra originalmente publicada em 1932).
- Krahn, G., & Putman, M. (2003). Qualitative methods in Psychological Research. In M.C. Roberts & S.S. Ilardi (Eds.). *Handbook of research methods in Clinical Psychology*. Malden: Blackwell.
- Limentani, A. (1975). Le choix d'objet dans la bisexualité actuelle. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 857-868.
- Limentani, A. (1979). The significance of transsexualism in relation to some basic psychoanalytic concepts. *International Review of Psycho-Analysis*, 6, 139-153.
- Luquet, P. (1975). Intervention. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 869-875.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi.


- Meltzer, D. (1988). Aesthetic conflict: its place in the development process. In G. Sandra (Eds.), *Psychoanalysis and art: kleinian perspectives* (pp. 178-200). London: Karnac.
- Nedeff, C.C. (2001). *Contribuições da sexologia sobre a sexualidade infantil nos dois primeiros anos de vida: uma revisão bibliográfica*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Consultado em 2 de Maio de 2009 através da fonte <http://www.fundamentalpsychopathology.org>
- Oppenheimer, A. (1992). Du tranvestisme au transexualisme. *Revue Française de Psychanalyse*, 56, 1743-1746.
- Rodrigo, J. (2008). *Estudo de caso – fundamentação teórica*. Brasília: Vestcon.
- Segal, H. (1957). Notes on Symbol formation. *International Journal of Psychoanalysis*, 38, 391-397.
- Smith, H. (2002). On psychic bisexuality. *Psychoanalytic Quarterly*, 71 (3), 549-559.
- Smith, Y., Cohen, L., & Cohen-Kettenis, P. (2002). Postoperative psychological functioning of adolescent transsexuals: a rorschach study. *Archives of Sexual Behavior*, 31, 255-261.
- Stake, R. (1994). Case studies. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publications.
- Stoller, R. (1982). *Experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Tradução do original em língua inglesa *The transsexual experiment*. London: Hogarth Press, 1975).
- Stoller, R. (1968). Further contribution to study of gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 49 (2-3), 364-368.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e Feminilidade: Apresentações do Gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stoller, R. (1969). *Sex and Gender*. London: Hogarth Press.
- Trochim, W. (2001). *The research methods: knowledge base* (2ª Ed.). Cincinnati: Atomic Dog.


## **ANEXOS**


**Anexo I**  
**Protocolo de Rorschach**






## RORSCHACH


	Respostas	Inquérito	Codificação
<b>Cartão I</b>  	<p>T.L. – 10’’</p> <p>T.R.- 1’ 03’’</p> <p>T.T. – 1’ 13’’</p> <p><i>Eh lá! Epá, isto diz muita coisa... Isto é preciso... Fogo!... Quer que diga o quê? Isto tem várias imagens...</i></p> <p>1 – <i>Aqui, é um corpo de alguém.</i></p> <p>2 – <i>Depois parece quase a forma de dois anjos.</i></p> <p>3 – <i>Depois dois homens, um para cada lado.</i></p> <p>4 – <i>Estes olhos... olhos de alguma coisa.</i></p> <p>5 – <i>Uma cabeça de um tigre. Depois, com a outra parte, parece mais esquisito.</i></p> <p><i>Tá dividido ao meio, exactamente igual.</i></p>	<p>D mediano central.</p> <p>Dd – parte mediana superior.</p> <p>D mediano cental.</p> <p>Ddbl – as quatro lacunas interiores medianas.</p> <p>D – pequenas saliências superiores.</p>	<p>Comentário objectivo</p> <p>1 – D F+ H</p> <p>2 – Dd F- (H)</p> <p>3 – D F+ H</p> <p>4 – Ddbl F+ Hd</p> <p>5 – D F- Ad</p> <p>Observação de simetria</p>


	<p>6 – <i>Depois, tem aqui mais outros olhos, mais atrás, mais pequenitos.</i></p> <p>7 – <i>Estes pinguitos também dão aqui um ar qualquer a isto.</i></p> <p>8 – <i>Eu olho para isto e vejo uma cena mais voadora.</i></p> <p><i>Há cores? É que, para mim, isto é negríssimo! Não me dá uma imagem positiva. A primeira imagem parece um anjo e depois, de repente, coisas bué más.</i></p> <p>9 – <i>Isto aqui parecia umas asas de um dragão.</i></p>	<p>Ddbl – laterais superiores.</p> <p>Dd – pequenas manchas, salpicos exteriores.</p> <p>G</p> <p>Dd – borda exterior.</p>	<p>6 – Ddbl F- Hd</p> <p>7 – Dd F+/- Pint</p> <p>8 – G F+/- A</p> <p>Observação cor</p> <p>9 – Dd F- Ad</p>
<p><b>Cartão II</b></p> 	<p>T.L. – 2’’</p> <p>T.R. – 1’ 50’’</p> <p>T. T. – 1’ 52’’</p> <p><i>Ah! Aqui já tem cor! (v ^)</i></p> <p>10 – <i>Primeiro, parece umas mãos unidas.</i></p>	<p>D – ponta mediana superior.</p>	<p>Observação cor</p> <p>10 – D kp Hd</p>


	<p>(v ^)</p> <p>11- <i>Epá! E, depois, parece uns pulmões de um fumador...</i> (ri)</p> <p><i>Foda-se!</i> (v ^ v)</p> <p><i>Epá, isto mete bué impressão... Vermelho chapado no branco. Faz-me pensar coisas negativas.</i></p> <p>(^)</p> <p>12 – <i>Agora aqui... ya. Depois, tem aqui a forma de uma árvore.</i> (ri e tapa a boca).</p>	<p>D – as duas partes laterais.</p> <p>Dbl – lacuna central.</p>	<p>11 – D FC’ Anat</p> <p>Comentário/choque</p> <p>12 – Dbl F- Bot</p>
<p><b>Cartão III</b></p> 	<p>T.L. – 10’’</p> <p>T.R. – 1’ 06’’</p> <p>T.T. – 1’ 16’’</p> <p>(ri para dentro)</p> <p>13 – <i>Lá tá. Faz-me lembrar duas pessoas.</i></p> <p>14 – <i>Depois, aqui, uma borboleta, no meio.</i></p>	<p>D – os dois negros laterais.</p> <p>D – vermelho central.</p>	<p>13 – D K H Ban</p> <p>14 – D F+ A Ban</p>

	<p><i>Mas isto só me trás negatividade. Este preto e vermelho. Não coisas boas.</i></p> <p>15 – <i>Epá, tão unidos com uma merda qualquer, com raízes coladas a algum lado.</i></p>	D – toda a parte negra inferior.	<p>Observação cor</p> <p>15 – D F+/- Bot</p>
<p><b>Cartão IV</b></p> 	<p>T.L. – 0’’</p> <p>T.R. – 1’ 56’’</p> <p>T.T. – 1’ 56’’</p> <p>16 – <i>Xiii! De repente, parecia um esquilo espalmado, acabado de ser pisado.</i></p> <p>17 – <i>Não. Mas, por acaso, faz lembrar esses tapetes feitos de animais...</i></p> <p>18 – <i>Sei lá... (ri). Olhe, isto é a cabeça de um animal.</i></p> <p>19 – <i>E, depois, sei lá. Para ser mais profundo, estou a tentar usar esta imagem e podia ver um mapa com as manchas.</i></p> <p>20 – <i>Isto, uns cornos de veado.</i></p>	<p>G</p> <p>G</p> <p>D – extremidade da parte superior mediana.</p> <p>G</p> <p>D – saliências laterais superiores.</p>	<p>16 – G F- A</p> <p>17 – G F+ A</p> <p>18 – Do F+ Ad</p> <p>19 – G EF Geo</p> <p>20 – D F+ Ad</p>


	21 – <i>Por outro lado, uma árvore marada.</i>	D (tudo, excepto saliências laterais superiores).	21 – D F- Bot
<b>Cartão V</b> 	T.L. – 0’’ T.R. – 35’’ T.T. – 35’’  22 – <i>isto é uma borboleta. (&gt;) (tapa metade do cartão)</i>	G	22 – G F+ A Ban
<b>Cartão VI</b> 	T.L. – 0’’ T.R. – 1’ 37’’ T.T. – 1’ 37’’  23 – (v) <i>se fizer assim, é uma árvore (ri). Vai, também, dar a árvore.</i>  24 – (^ v) <i>Tá aqui uma merda qualquer atrás com cornos. Mas isto também é por a imagem tar dobrada.</i>  25 – (^ v) <i>Mas isto também faz lembrar um bicho qualquer com patas e asas.</i>  26 – (v) <i>Também o centro da terra.</i>	G  Dd – pequenas saliências medianas na base. R.A.: <i>Sei lá. Tava para dizer duas cabeças, mas não é bem.</i> D – parte superior  D – toda a linha mediana	23 – G F+ Bot  24 – Dd F- Ad Obs. Simetria  25 – D F+ A  26 – D F+/- Geol

	<p>27 – (v) <i>Aqui, o cimo da terra.</i></p> <p>28 – (v) <i>E, aqui, a cena da lava.</i></p> <p>29 – (v) <i>Também parece, aqui, um rio qualquer, só olhando cá para cima</i> (tapa a metade de baixo da mancha).</p>	<p>O cimo da terra é o topo da linha. <i>O centro é cá em baixo</i> (no topo da linha, porque o cartão está invertido), <i>mas parece que a terra está cortada ao meio...</i></p> <p>Lava no eixo mediano inferior. <i>Por estar escuro.</i></p> <p>Rio – D – topo da linha</p>	<p>27 – D F+/- Geol</p> <p>28 – D kob Elem</p> <p>29 – D kob Elem</p>
<p><b>Cartão VII</b></p> 	<p>T.L. – 0''</p> <p>T.R. – 40''</p> <p>T.T. – 40''</p> <p>(riso abafado)</p> <p>(v) <i>Isto é tão estúpido. Sei lá o que vou dizer disto...</i></p> <p>30 – (v) <i>Olhe, primeiro, isto parece um poço qualquer.</i></p> <p>31 – (v) <i>Depois, aqui, gelo que está a derreter.</i></p> <p>32 – (v) <i>Depois... opa, para mim, vejo isto como um mapa.</i></p> <p>33 – (v) <i>Aqui, estas muralhas grandes só</i></p>	<p>Comentário no inquérito: <i>Essa foi a mais estúpida.</i></p> <p>G</p> <p>Dd – saliência inferior do primeiro terço</p> <p>G</p> <p>Dd – parte cinza</p>	<p>Comentário objectivo</p> <p>30 – G F- Arqui</p> <p>31 – Dd kob Frag</p> <p>32 – G F+/- Geo</p> <p>33 – Dd F- Arqui</p>

	<p><i>me vem egípcio à cabeça, mas as muralhas são da China.</i></p> <p>34 – (v) <i>Isto aqui, no meio... a cena é que tem sempre esta forma aqui. Tanto pode representar uma meia lua como a parte de cima de uma árvore, como sempre.</i></p>	<p>mediana na base do 3º terço</p> <p>Dbl – lacuna central</p>	<p>34 – Dbl F- Bot</p>
<p><b>Cartão VIII</b></p> 	<p>T.L. – 0’’</p> <p>T.R. – 1’ 50’’</p> <p>T.T. – 1’ 50’’</p> <p><i>Olhe, vejo laranja, vermelho, azul, cinzento.</i></p> <p>35 – <i>As espinhas de um peixe. (ri)</i></p> <p>36 – <i>Este vermelho só me faz pensar em coração.</i></p> <p><i>Se for aquele vermelho com preto, vejo sempre a morte, se for este vermelho com laranja já é algo mais positivo.</i></p> <p><i>Isto já me alegra. Vejo misturas de cores, vejo algo direito (na linha central).</i></p>	<p>Dbl</p> <p>D – no rosa</p>	<p>Nomeação cor</p> <p>35 – Dbl F+ Ad</p> <p>36 – D FC Anat</p> <p>Comentário subjectivo</p> <p>Obs. cor</p>

	<p>37 – <i>Umas tintas misturam-se, outras não. Faz-me lembrar a amizade, umas chocam, etc...</i></p> <p><i>Mas há sempre um equilíbrio em todas as imagens; imagem dividida ao meio, exactamente igual.</i></p>	G	<p>37 – G C Abst</p> <p>Obs. simetria</p>
<p><b>Cartão IX</b></p> 	<p>T.L. – 8’’</p> <p>T.R. – 1’ 08’’</p> <p>T.T. – 1’ 16’’</p> <p>38 – <i>De repente, vi ali um corpo de uma mulher, mas, depois, lá para cima, deixou de ser.</i></p> <p>39 – <i>Mas, por outro lado, também havia umas asas com qualquer coisa a protegê-la.</i></p> <p><i>Vejo quase uma hierarquia. Primeiro o vermelho, depois o verde e este (aponta para o laranja).</i></p>	<p>Dd – parte inferior da lacuna central</p> <p>D – projecções laranja medianas no alto</p>	<p>38 – Dd F- H</p> <p>39 – D F- Ad</p> <p>Nomeação cor</p>



<b>Cartão X</b>  	T.L. – 0’ T.R. – 1’ 40’’ T.T. – 1’ 40’’  40 – <i>Epá, isto c’um caraças, quase fogo de artifício.</i>  41 – <i>Se vir aqui (v), tem qualquer coisa a deitar chammas.</i>  42 – (^) <i>Se vir assim, olhe, faz-me lembrar alguém mascarado para o carnaval com um soutien, cá em baixo, as pernocas.</i>  43 – (v) <i>Depois, lá tá, vejo aqui umas asas quaisquer com um corpo, sei lá.</i>  <i>Eu para entender obras de arte... não nasci para isso. Tenho uma personalidade que ou é ou não é...</i>  (Depois começa a falar do Miró e de outros pintores)	G  D – rosa  Dbl mediano. Soutien no azul. Pernocas no verde.  D – no rosa  R.A.: <i>Mas agora já estou aqui a ver uma cara (v) olhos (amarelo), nariz (azul), boca (pintas vermelhas). Baratas (preto lateral).</i>  R.A.: <i>uma tocha que lança chammas (preto central superior)</i>	40 – G kob Frag  41 – D F+/- Obj  42 – Dbl FC H  43 – D F- Ad  Coment. Subjectivo

## **Prova das escolhas**

### **Escolha +**

**I** – *Porque tem bué coisas e eu curto bué cenas e querer ver tudo. Apesar de ser preta é bué positiva, porque a primeira coisa que vejo aqui é um anjo.*

**X** – A mesma justificação.

### **Escolhas –**

**VII** – *Epá eu odeio centros brancos (não ser fechado). Quando as imagens não começam cá em baixo (cartão invertido) é difícil, perco-me (dá o exemplo da ferradura que não é completa, é aberta.*

**VIII** – *Gostei por ter bué cores mas não gostei porque não tinha nada que conseguisse ver de especial.*

**Anexo II**  
**Psicograma**

R= 43	G: 10	F: 32 (11+; 14-; 7+/-)	A: 6	F%: 74
Recusa 0	G%: 5	K: 1	Ad: 8	F+%: 52
	D: 18	kp: 1	A%: 33	Fa+%: 81
	D%: 42	kob: 3	H: 5	F+a%: 56
	Dd: 6	kan: 0	Hd: 3	
	Dd%: 14		(H): 1	Ban: 3
	Dbl: 5	FC: 1	H%: 19	
	Dbl%: 12	CF: 0		
	Ddbl: 2	C: 1	Anat: 2	
	Do: 1	FC': 1	Arq.: 2	
		FE: 0	Bot.: 5	
		EF: 1	Elem: 2	
		E: 0	Frag: 2	
			Geo: 2	
			Geol: 2	
			Obj: 1	
			Abs: 1	
			Pint: 1	

Tipo de apreensão: G D Dd Dbl Ddbl Do

T.R.I.: 1K < 2,5	Com. Obj.: 3
F.C.: 4 > 1	Com. Subj.: 2
RC%: 21	Obs. Cor: 3
IA% 16	Nomeação cor: 2
	Obs. Simetria: 3

Escolha +: I e X

Escolha -: VII e VIII

